

Revista LiteraLivre©

Ano 1 - Edição 3 - Maio de 2017



Literatura com Liberdade



Ano 01 - Edição 03 - Maio de 2017

Jacareí - SP - Brasil

Expediente:

Publicação: Bimestral

Idioma: Português

Editora-chefe**:** Ana Rosenrot

Revisão: *Todos os textos foram revisados por seus autores e não sofreram nenhuma alteração por parte da revista, respeitando assim a gramática, o estilo e o país de origem de cada autor.*

Diagramação: Ana Rosenrot – Alefy Santana

Suporte:
Julio Cesar Martins – Alefy Santana

Imagens: as imagens não creditadas foram retiradas da internet e não possuem identificação de seus autores.

Capa:
http://www.hd-freewallpapers.com/

Site da revista:
http://cultissimo.wixsite.com/revistaliteralivre/comoparticipar

Contato: revistaliteralivre@yahoo.com

Página do Facebook:
https://www.facebook.com/RevistaLiteraLivre

A Revista LiteraLivre foi criada para unir escritores de Língua Portuguesa, publicados ou não, de todos os lugares do mundo.

Toda a participação na revista é gratuita, com publicação em PDF e distribuição on-line.



EDITORIAL

Sejam bem-vindos a 3ª Edição da Revista LiteraLivre, uma publicação que cresce a cada dia e já se tornou referência no universo literário.
É imensamente gratificante proporcionar esse elo entre autores e leitores de todos os lugares.
Nesta edição temos participantes de Angola e Moçambique, representantes da bela África, além de trabalhos maravilhosos de autores que estão participando pela primeira vez e outros que estão presentes desde a primeira edição; contamos também com lindas artes visuais, nossa revista está cada vez mais bonita!
Teremos, a partir dessa edição, algumas colaborações permanentes, como o *Haikai Engraçadinho* e o *Artista do Mês*, novos parceiros: o Projeto *A Arte do Terror* (participação em e-book e divulgação gratuita) e o *PoemApp (aplicativo gratuito criado para mapear e divulgar os escritores brasileiros)* e principalmente: *muita literatura*.
Aproveito para informar que a Revista LiteraLivre agora é registrada e com os direitos autorais protegidos; uma segurança a mais para os autores que publicam conosco e uma reafirmação do nosso compromisso com a literatura.
Obrigada aos autores e artistas participantes, a todos que se inscreveram e ao carinho dos leitores!!

Em julho tem mais!!

"Literatura com Liberdade" sempre!!

Ana Rosenrot
Editora-chefe

Neste número:

A Mão da Branquitude......1
Coluna CULTíssimo......3
A Morte é o Tamanho de Todas as Coisas......7
A Paz!......9
Águas Do Meu Batismo......11
Alvorada......12
Armadilhas......13
Artista do Mês......15
Autossuficiência Insuficiente......17
Bem-estar......18
Brasil......19
Comédia Della Vida......20
Consciência Apurada......25
Conto de Terror......30
Corte “Americano”......31
Desejos de um Poenauta......35
Diálogo Deprimente......37
Disforme Amor......39
Ele Mora Ali......40
Entrei de Gaiato Num Navio......41
Escola da Vida......43
Eu caminho......45
Eu Tive Delírios Numa Tarde Qualquer......48
Finitus......49
Fragmentada......50
“Grandes” Poemas 2......51
Haikai Engraçadinho......52
Hoje Não Será Amanhã......54
Homem Caboclo......55
Love Bokeh......57
Mãe Meu Porto Seguro......58
Mário......59
Meu Tempo......60
Mulher......62
Não é Tempo de Morrer......63
Não, o amor não acontece......64
Nau Sem Rumo......65
Nem Romeu, nem Julieta......66
O Insone......68
O Perfume......70
O Poço......74
O RAIO-X......78
O Senhor Sorridente......81
Olhar de Mãe......83
Olhos Selvagens......84
Os Olhos da Miséria......89
Palavras no Silêncio......90
Pânico de Aeroporto......93
Podridão de Partículas......97
Poema......99

Poema de Representação..100
Poesia XXIII...101
Psicopoesias...102
Retrato Abstrato..103
RG..104
Ritmo Sincronizado..105
Rua das Flores...108
Sapatos Limpos...109
Sentidos..112
Soneto da Confirmação...113
Tanto Faz..114
Tarja Preta...115
Um sonho pra viver!...117
Um Vigia Assustado..119
Uma Folga...121
Uma Quase Balzaquiana..122
Uma Questão de Tempo...125
Vago..129
Ventos Uivantes...130
Conheçam e participem do Projeto “A Arte do Terror”..131
Poeta Marina Mara lança aplicativo com o Mapa da Poesia Brasil.....................................132
LiteraAmigos...134
Não Se Cale!!...136

Participe da próxima edição!!
Quem está participando deste número também pode enviar novos textos, todos são bem-vindos!!
A participação é gratuita!!

Envie sua arte para:

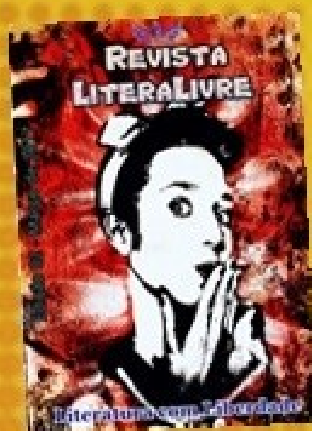
revistaliteralivre@yahoo.com

A seleção para a 4ª edição da Revista LiteraLivre já começou.

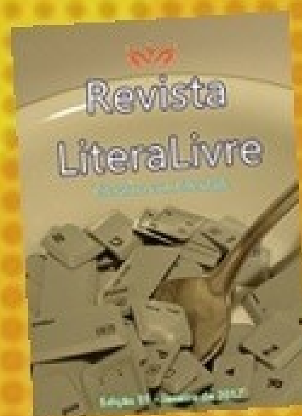
Aceitamos textos, fotos, desenhos e muito mais.

Toda a participação é gratuita, acesse nosso site:

http://cultissimo.wixsite.com/revistaliteralivre/comoparticipar



Até 20/06



A Mão da Branquitude

Thais da Silva Matos (Saturno)
São Gonçalo/RJ

Sobre a obra:

Essa obra fala sobre a opressão ao povo preto. A discussão sobre apropriação cultural dominou a internet nessas últimas semanas deixando explícito que o papel hegemônico da branquitude e seus privilégios permanecem dominantes na nossa sociedade.
Falar sobre cultura é algo muito complexo. Cultura não é um conceito!!! A lógica capitalista e sua tendência centralizadora tem essa mania feia de dizer que tudo pertence a todos sem levar em consideração o contexto, o significado, a regionalização e ignorando totalmente a relação opressor-oprimido. Mais uma vez, diante desses fatos, percebi que quem é marginalizado permanece num lugar invisível de verdade! Nossa voz nunca é ouvida. Nossa dor é vitimismo. Os papéis são subvertidos de propósito.
Mas falar sobre opressão do povo preto também é falar sobre resistência e superação. Mesmo calados pela marginalização e muitas vezes cegos pela manipulação, nós temos as mais incríveis estórias pra contar, a capacidade tão singular de nos reconhecer no outro e as músicas mais belas pra cantar. Somos ricos de Axé, frágeis, mas muito fortes também. "

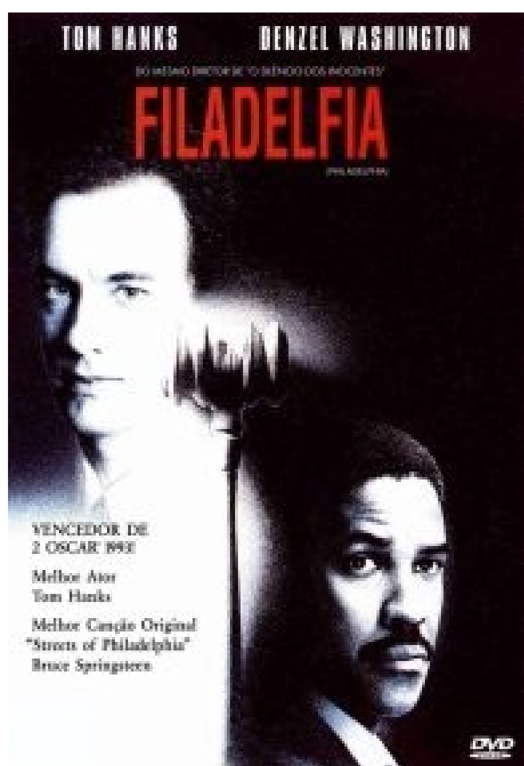
@saturn0art



CULTíssimo

Ana Rosenrot

Coluna CULTíssimo



Anos 90, final do Século XX. O mundo se preparava para a tão aguardada chegada do mítico Século XXI, mas uma doença epidêmica ceifava vidas e trazia

Muitos temiam falar sobre o assunto, apesar do número de vítimas continuar aumentando em todos os níveis da sociedade, a doença ainda era considerada um "castigo" para os homossexuais, portanto, um tabu.

Mas o diretor Jonathan Demme (falecido este ano, em abril), aproveitando a notoriedade recém-adquirida pelo sucesso do filme "O Silêncio do Inocentes", resolveu criar uma obra que apresentava a AIDS e tudo relacionado a ela de forma clara, mas com sensibilidade, encarando o problema de frente, mostrando que o preconceito vai além da cor, do gênero e da doença, dialogando

com o público numa linguagem direta e humana, um filme que todos poderiam ver, questionar e entender, sem excessos filosóficos, mas com extremo realismo, esse filme se chamou *Filadélfia (Philadelphia)*.

O filme nos conta a história do jovem e promissor advogado Andrew Beckett "Andy" *(Tom Hanks)*, ele trabalha em um dos maiores escritórios de advocacia da Filadélfia, a *Wyant Weeler*, uma firma "tradicional" e como Andy vai percebendo, extremamente preconceituosa; por isso, tem que lutar para esconder seu segredo: ele é homossexual e tem AIDS.

Com a carreira em ascensão e a possibilidade de se tornar sócio da firma, Andy trabalha exaustivamente, o que acelera o desenvolvimento da doença, fazendo com que seus colegas e chefe comecem a desconfiar de que algo está errado com ele. "Misteriosamente", documentos do caso milionário em que estava trabalhando desaparecem, reaparecendo depois de forma suspeita. Andy é demitido por incompetência, mas percebe que o real motivo de sua demissão é o fato de ser Gay e ter AIDS; desiludido Andy resolve processar a empresa, mas nenhum advogado aceita defender sua causa e então ele passa a estudar jurisprudências e possíveis provas para defender o próprio caso sozinho.

O último advogado a rejeitá-lo, Joe Miller *(Denzel Washingthon)*, resolve ajudá-lo ao observar Andy sendo discriminado numa Biblioteca Pública e apesar de extremamente homofóbico, seu compromisso com o direito e a lei falam mais alto e Joe aceita encarar a batalha judicial e interna mais difícil de sua vida.



Ambos mergulham num processo desgastante física e emocionalmente, uma luta desigual entre um funcionário demitido e doente contra uma poderosa e

influente firma de advocacia; o que chama a atenção da mídia, tornando o caso famoso e abrindo o debate sobre a AIDS, a homossexualidade, a lei e a aplicação da justiça, temas ainda hoje muito discutidos.

O personagem de Joe Miller retrata as pessoas daquela época, um homem cheio de preconceito, desinformação e apavorado com a AIDS, mas que com a convivência e a compreensão vai mudando sua opinião e passa a ver Andy como um ser humano e posteriormente um grande amigo.



O filme, que foi gravado num tribunal verdadeiro e em sequência para manter a emoção e o engajamento dos atores, contou com atuações inesquecíveis; *Tom Hanks* no papel principal conseguiu emocionar e impactar o público, retratando com fidelidade a dor, o sofrimento e o medo de Andy conforme a doença progride e a decadência física aumenta(o ator emagreceu mais de 12 quilos para viver o personagem); o Oscar que levou pela belíssima atuação foi merecidíssimo, transformando-o num dos maiores astros de Hollywood. Denzel Washington dá um show a parte com sua gradativa transformação como pessoa e como advogado. Antonio Banderas, que vive *"Miguel",* o companheiro de Andy, aceitou o papel após vários atores terem rejeitado e nos brindou com uma atuação sensível, apaixonada e convincente.

Mas um outro fator contribuiu para o sucesso do filme: a trilha sonora que já emociona na abertura, com uma linda panorâmica da cidade da Filadélfia, mostrando diversas pessoas em sua rotina diária, chamando a atenção para o fato de que a história que seria contada era sobre todos nós, nossos sonhos, medos, dificuldades…Tudo isso ao som da inesquecível canção composta e cantada por *Bruce Springsteen: Streets of Philadelphia* (vencedora do Oscar

de melhor canção) e o encerramento com a canção também intitulada *Philadelphia* de *Neil Young,* quando é quase impossível conter as lágrimas (se é que já não rolaram).

Um filme triste, atual, verdadeiro, com um drama possível de acontecer com qualquer um; mas que também é uma história de esperança, coragem e superação e que merece ser assistida com a mente e o coração abertos.

Na próxima tem mais, obrigada!!



Sinopse: Filladélfia (Philadelphia, U.S.A -1994)- Dirigido por Jonathan Demme, o filme conta o drama de Andrew Beckett (Tom Hanks), um promissor advogado que trabalha para um tradicional escritório da Filadélfia. Após descobrirem que ele é portador do vírus da AIDS, Andrew é demitido da empresa. Ele contrata os serviços de Joe Miller (Denzel Washington), um advogado negro que é homofóbico. Durante o julgamento, este homem é forçado a encarar seus próprios medos e preconceitos. Gênero: Drama



Vídeo com a trilha Streets of Philadelphia, numa montagem que retrata o preconceito contra os portadores de HIV:

Diga não ao preconceito:
https://www.youtube.com/watch?v=gxIaVNI5w2Y

Para contato e/ou sugestões:
anarosenrot@yahoo.com.br
https://www.facebook.com/cultissimoanarosenrot

A Morte é o Tamanho de Todas as Coisas

Lainni de Paula

Bauru/SP

Nove das limpas vinganças
correm renascendo – até que não componham mais
as chaves dos meus cotovelos brancos;

O salto foi adiantado, e
a correspondência estará visível
enquanto o mundo
visualizar minha cabeça
lançada ao alto;

Agora, rosto
no vidro e febre
por todos os lados;

Criando lados
de cabelos pensantes
e tua mão levanta a

minha – que também pisca,
fere e segrega
o ponto silencioso:
"Deveria tê-lo escutado, chão,
enquanto a chuva estava
disposta através
de mim, e seríamos felizes
como jarras e pentes – que de
tão finos procriam ossos..."



A Paz!

Lisié Champier
Maputo - Moçambique

Fui à rua,
Perguntei às mulheres
o que pediam?
Responderam: Paz,
Questionei-me:
Como todas elas,
desejavam o mesmo?

...minha curiosidade aumentou ...

Mulheres são maternais,
nasceram para cuidar,
donas de almas sensíveis,
rasteiam energia tranquila,

...buscam o amor, em tudo...

Compreendem o ciclo da vida,
respeitam o fluxo do tempo.
E têm sempre, sabedoria na altura certa,
para plantar, colher e aprender.

No fundo,
Querem o equilíbrio,
...fazem o impossível,
se estiver ao seu alcance?
justiça é feita, bem no seu melhor

Dás que têm tudo isso,
ainda se amam e têm amor para dar.
numa sociedade com tantos preconceitos,
...o que procuram é viver em paz!

Paz interior, e com o mundo,
sempre idolatrando à mãe natureza!

Querem saber?... amo ser mulher!...



Foto: Renato Soares (Fotógrafo brasileiro)



Águas Do Meu Batismo

Ernane Catroli
Rio de Janeiro – RJ

Era o vento. O vento salgado, as cores da manhã e o ruído crescente das ondas na areia. Baixa temporada agora. Seguia pela aleia de cascalho que levava ao casarão de dois andares. Pensão do Farol. Foi Chan, a muda, quem atendeu a porta. Os olhos apertados. Um risco negro, fino. As sapatilhas de pano bordadas. Fez uma reverência. Depois, seus passos curtos na escada e na mão esquerda a minha pequena bagagem.

Como num jogo de cena, dona Jovita surgiu no final do corredor seguida por Lord. Lord, aquela sombra lenta, arrastada. Lord, o gato rajado. Tão velho! Dona Jovita, mais magra. Um meio sorriso quando se aproxima. Cabelos ralos. Olho pela janela e é Milena quem emerge da paisagem. Muitas vezes. Milhares de vezes.

***

A noite antiga. Azul. Toda a nossa louca juventude sem direitos, sem leis. Ainda hoje. Tanto tempo agora.

O lado do quarto onde permaneço tenso e mudo. Leve brisa nas cortinas. A voz imperativa de dona Jovita. Milena deitada na minha cama de solteiro. Seus olhos aumentados. Sobre o criado-mudo, a infusão de ervas para ser ingerida aos poucos, conforme recomendação de dona Jovita. A pequena maleta aberta sob a luz do abajur. O início. O meio.

O corpo sabe, reclama. A hora inaugurada e os gemidos. Ondas, jorros de sangue. Coágulos. E eu querendo o fim desta escrita difícil, tortuosa. Ouvia-se o mar.



Alvorada

Maya Rubinger
Belo Horizonte/MG

Há vida por toda parte
Mas os gostos preferem a morte
Há cores, sabores, perfumes e nada...
Somente o sono profundo
Há lágrimas e dor, circundando você
Há luz e esperança, nos fazendo crescer
Precisamos amar ao invés, de somente querer
Eu quis fazer parte desse sonho divino
Onde todos existem, respiram e brincam
Pairando suaves pelos campos ensolarados
Dias de fé, de amor ao próximo
Virão com mais força a cada amanhecer
Sussurros alegres em nossos ouvidos
Até então ensurdecidos
Meus irmãos, meus iguais
Somos Uno nesses tempos que chegam
Ao crepúsculo desse novo amanhã
Corações pacíficos
Mentes despertas
Almas em perfeita harmonia
E então, uma nova era se faz…

https://www.facebook.com/memoriasdexawdoon/

Armadilhas

Isabel C S Vargas
Pelotas/RS

Antecipação, atropelo, precipitação são atitudes que podem gerar desconforto.

Antecipação em se tratando de responsabilidade e pontualidade para cumprir um compromisso denota responsabilidade, fora isso, com relação aos sentimentos próprios e de outrem pode gerar dissabores. Pode chegar até a ser um pré-julgamento e porque não, preconceito. Essas ocasiões, muitas vezes são originadas por insegurança, imaturidade, gerando atitudes precipitadas de parte de algumas pessoas.

Antecipamos situações, sentimentos por parte de outras pessoas que em realidade, a outra nem imagina, não existem e passamos a agir com relação a ela como se isso fosse verdade.

Às vezes nos descobrimos cheios de amargura, com mágoas de alguém pelo que julgamos que esta pessoa nos tenha feito. É um sentimento que ao se instalar faz mal a quem o sente e não àquele que é seu suposto causador.

Julgamos que ao nos ressentirmos e demonstrar ao outro o quanto estamos desagradados, aborrecidos, ofendidos ou feridos o estaremos atingindo também, fazendo com que esta pessoa se sinta tão mal quanto estamos nos sentindo.

Na realidade, estamos querendo fazer ao outro, o que julgamos que ele nos tenha feito.

O que não percebemos é que muitas vezes nos ressentimos porque nutrimos expectativas com relação aos outros e esperamos que eles as satisfaçam. Então, isto não passa de um produto de nossa cabeça. Ocorrem duas situações importantes que devemos ter sensibilidade para perceber. A primeira, que o outro nem imagina tais expectativas, pois elas são fruto de nossos desejos íntimos, muitas vezes não verbalizados, e em segundo lugar, que o enfoque que o outro tem de determinada situação, pode ser totalmente diferente da nossa, levando-se em conta sua história de vida, sua bagagem emocional, seus próprios desejos e

anseios.

Uma maneira mais razoável de agir é tornar claras as expectativas, assim com esclarecer o que os outros esperam de nós, para que também não venhamos a frustrar as expectativas dos outros, pois vontades não expressas pode ser uma fonte de frustração e desenganos. É difícil alguém corresponder a uma expectativa que ele não imagina qual seja.

Temos que levar em conta que os outros não têm responsabilidade pelo que nós esperamos dele, até, porque nem todas as nossas expectativas são razoáveis ou justas.

Muitas vezes nos aborrecemos porque não conseguimos ter nossos anseios satisfeitos e acabamos atingindo com as nossas frustrações, as pessoas que estão próximas. Ficamos estressados, vivemos crises, nos angustiamos e espalhamos sentimentos negativos ou afastamos as pessoas.

É um círculo vicioso que se mantém, porque nós o alimentamos e podem afetar tanto no aspecto afetivo, familiar, como no âmbito profissional, pois não são compartimentos isolados em nosso interior. Somos todos estes aspectos entrelaçados e interagindo. Para nos libertarmos dessa cadeia de sentimentos negativos, que fazem com que vejamos só os problemas e não as soluções, devemos parar de adicionar este tipo de sentimento e de conduta. É necessária coerência, fazendo com que pensamento, desejos e conduta estejam em sintonia.

O caminho é rever os próprios sentimentos, reavaliar condutas, perdoar erros, sem que tenhamos a pretensão de que eles nunca mais vão ocorrer, porque é próprio do ser humano errar, mas aproveitar cada circunstância para aprender, crescer, perdoar e recomeçar, confiante e sem mágoas, com o coração limpo, sabendo ver sentir e valorizar as coisas que realmente tem importância.

É importante a consciência de que somos os responsáveis pelas coisas que sentimos, boas ou ruins. Temos que cultivar o que é bom e nos livrarmos de bagagens que só pesam, como sofrimentos e decepções. Temos que usar o tempo e os recursos emocionais, espirituais e afetivos para termos uma vida que nos faça feliz e proporcione boas interações com aqueles que nos cercam e são importantes para nós.

Artista do Mês

Márcio Apoca

Campo Mourão/PR

Mary Shelley

Escritora Inglesa

(texto Ana Rosenrot)

Biografia:

Mary Wollstonecraft Shelley, nascida Mary Wollstonecraft Godwin (Somers Town, Londres, 30 de agosto de 1797), mais conhecida por Mary Shelley, foi uma escritora britânica, filha do filósofo William Godwin e da pedagoga e escritora Mary Wollstonecraft. Mary escrevia desde muito pequena, publicando seu primeiro poema aos 10 anos de idade. Aos 16 ela foge de casa para se casar com o poeta Percy Bysshe Shelley, passando a se chamar de Mary Wollstonecraft Shelley. Em 1818 publica a obra pela qual será lembrada por gerações: "Frankenstein - O Moderno Prometeus", um romance gótico que sofreu diversas adaptações teatrais e cinematográficas, tornando-se um ícone da cultura popular. Tanto a vida quanto a obra de Mary Shelley foram intensas, profundas e ousadas; ela ainda escreveu "Faulkner" (1937), "Mathilde" (1959), "Lodore" (1835), "Valperga" (1823) e "O Último Homem" (1826), obra consagrada pela crítica e considerada uma grande influência sobre a ficção científica.

A autora faleceu em 1º de fevereiro de 1851, em Londres, aos 53 anos, vítima de câncer no cérebro.



https://www.facebook.com/apocamarcio

https://www.facebook.com/apocastudios

Autossuficiência Insuficiente

Omar Sanchez – Popayan/Colombia (desenho)

Adriano Vilas Bôas – Jacareí/SP (roteiro)



http://autossuficienciainsuficiente.tumblr.com/

Bem-estar

Phillipe Tadao Sakai
Curitiba – PR

alguém
foi estar
comigo.

eu quis
estar só
na sala
de estar.



Brasil

Sérgio Brázio
Sintra – Portugal



Vivido na mais pura beleza,
Mágica elegância e amor.
E em todas as manhãs de louvor,
O Sol ilumina a Natureza.

Animaizinhos de todos os tipos,
Com as ancestrais tribos indígenas.
Mulheres belas e morenas,
Formam os mais naturais dos estereótipos.

País de minha amizade,
Que enche a minha alma de amor,
E deixam a minha vida cheia de bondade.

País de meus amores,
Arrancam de meu coração toda a dor,
Tristes sentimentos e desamores.

https://www.facebook.com/sergiobrazio.writer

https://www.youtube.com/user/sergiobrazio

Comédia Della Vida

Mariana Chazanas - SP

O Pierrô

Era um namoro bobinho, ele era o primeiro a admitir. Uma coisa de nada que começou com um ramo de jasmim arrancado da casa de sua avó, dado com mão trêmula e palavras que eram para ser bonitas, mas tão gaguejadas, tão desconexas que era um milagre ela entender.

Eles estavam em classes diferentes, graças a Deus. Ele sabia que não daria certo estudar perto dela, porque cada vez que saiam ele se perdia em longos silêncios que deixavam a menina nervosa. Admirava o rosto bonito e o cabelo cheio de caracóis, e ela desviava o rosto, olhava para os lados, inquieta, querendo conversa, querendo alguma coisa que ele não sabia dar.

Eles se beijavam uma praça ali perto. Ela sentava em seu colo e ele segurava sua cintura e então ela inclinava o rosto, e os lábios dela tinham sempre aquele gosto de castanha e chocolate, como a cor do olho e do cabelo. No dia em que ele achou coragem de dizer isso, ela estava segurando seu rosto com as duas mãos, o dedo escorregando sobre seus lábios, e respondeu quase casual:

-Mesmo? Pode comer, então.

Ele beijava a boca e o pescoço e os seios dela ali na pracinha, não mais que isso, mas era o bastante para mantê-lo acordado quase a noite toda, sonhando com a pele e o cabelo comprido e a boca e tudo, tudo com gosto de chocolate.

O Arlequim

Quando ele chegou, o debate já ia pela metade. A classe inteira parou, a professora franziu a testa. Ele sorriu, imperturbável, e entrou assim

mesmo. Escolheu uma das primeiras cadeiras e pegou o bonde andando num debate que já ia pelo meio, ouviu uma menina dizer:

- Eu realmente não acho possível equiparar os mitos brasileiros com a Comédia Dell'Arte, não só pelo que eu já comentei da sensualidade, do romance todo, não, eu acho que nosso folclore é estático, sempre os mesmos personagens, sempre as mesmas historinhas, não tem esse movimento-

Ele levantou a mão. A professora quase interrompeu a menina para lhe dar a palavra.

- Desculpe cortar sem nem ouvir sua introdução, mas qual mudança existe na estrutura da Comédia?

- É um teatro! Ela muda cada vez que é apresentada, cada artista faz o que bem entende, dá sentidos diferentes e palavras diferentes de acordo com a inspiração do momento e provavelmente da reação da plateia, entende? É uma dialética contínua.

Ele não insistiu. Na hora do intervalo, estava sentado numa das mesas da cantina quando ela chegou perto, dois minutos depois dos dois saírem da classe.

-Tive a impressão de que você não concordou comigo, disse sem rodeios sentando-se na frente dele.

-De fato, não concordei.

-De fato, arremedou ela –Linguagem pouco comum para o aluno médio do colegial.

- Eu pareço um aluno médio?

- Parece. Só um pouco mais bonito.

Ele ficou sem resposta. Era a primeira vez em tempos que isso acontecia.

Ele sorriu:

- Quer comer alguma coisa?

- Quero saber sua opinião.

- Você também é bonita.

- Obrigada. Sua opinião sobre o tema da aula.

Outro garoto chegou nesse momento. Um rostinho inseguro e os olhos grandes e os ensaios para falar e finalmente gaguejar qualquer coisa, eu estava procurando você e aí eu pensei que talvez eu-

- Senta com a gente, disse ela com um sorriso fulgurante, e o garoto sentou-se sem olhar para ninguém e então ela apresentou os dois e ele fez questão de estender a mão, sabendo que parecia e querendo parecer o mais irônico que pudesse.

- Agora – a garota retomou o controle –Qual o problema com dialética? Você riu quando eu disse isso.

- O problema é que não é verdade, a essência da peça é sempre a mesma. Existe a síntese e a antítese, penso eu, por causa da contradição que sempre aparece, mas nunca tem superação, são os mesmos elementos girando e girando em volta da mesma coisa.

Ela estava sorrindo. O outro menino mantinha a cabeça abaixada, fingindo se distrair com a barra da camiseta.

-Em outras palavras, disse ele – Não importa qual seja a versão, o Pierrô nunca fica com a garota.

A Colombina

Era tão diferente, pensava ela encantada. Conversar com o recém-

chegado, ouvir o que ele falava, discutir, brigar, pensar alto, tudo tão estimulante, tão diferente do namoro de flores de jasmim.

Estavam os três sempre juntos. E o Arlequim vestia-se de preto e vermelho e tinha o dom das belas frases, e o Pierrô era um garoto tímido que não a olhava nos olhos e quase nunca abria a boca.

Ela expôs segredos. Falou das flores e do portão e do banco da pracinha, e o Arlequim ria e perguntava de que século Pierrô tinha vindo, e o menino ruborizava e olhava para ela com aquele olhar agoniado, e então ela ria e se sentava em seu colo e beijava sua boca e o Arlequim fingia que estava olhando para alguma coisa acontecendo longe dali.

Ela expôs ideias. Discutiu as aulas e a filosofia e a história da arte e o comprimento de seu cabelo, perguntou se devia cortar os longos cachos e os dois disseram que não, perguntou se devia fazer regime ou parar de usar saia curta ou fazer ginástica, e eles disseram que não e ela riu alegremente, e o Arlequim sorriu para ela e o Pierrô não disse nada e parecia muito, muito triste.

No dia em que ela cedeu, estavam todos em sua casa, que era um território tudo menos neutro, e ela tinha comprado champanhe para brincar um pouco e pediu para seu namorado servir. Taças de cristal e tudo o mais. Ligou o som da sala e o Arlequim segurou sua cintura e os dois começaram a dançar. Sozinhos na sala. Ela estava rindo. Ele ergueu sua blusa, cruzou as mãos em suas costas, e ela brincou com o cabelo dele. Ele beijou seu rosto dos dois lados, depois o canto da boca e então seus lábios abertos.

E então o Pierrô entrou na sala, segurando a bandeja com as tacinhas de champanhe.

Que ele deixou em cima da mesa sem uma palavra. Sem acusação. Foi para a cozinha em silêncio.

Ela afastou-se do Arlequim. Deixou-o de pé na sala, um ar perdido no rosto, e foi até o namorado e ele estava de costas e ela o abraçou por trás. Ele ficou imóvel por um longo segundo e depois segurou as mãos

dela contra o peito, e ela apoiou o rosto nas costas dele, sentindo cada soluço que ele tentava prender.

Ela sorriu contra suas costas, erguendo-se na ponta dos pés para beijar seu pescoço, sua nuca. Pensando que talvez a história fosse sempre igual, o mesmo final repetindo-se eternamente. E que ao mesmo tempo não era, porque o Arlequim ainda estava esperando e o Pierrô acariciava de mansinho sua mão.

E na sala, em três taças iguais, o champanhe esperava por eles.

https://www.facebook.com/marianachazanas/



Consciência Apurada

Eduard Traste

Florianópolis/SC

alguns poemas se perdem feito consciência
no sábado à noite, e nunca mais
são recuperados.

em mais uma noite
mal iluminada pelos observadores
postes, movimento meus pés
repetidas vezes, saindo do lugar
decidido a ser alguém
melhor.
já não posso mais.
preciso largar o cigarro
o trago, a erva
a putaria, os tecos
os baques
e todos os outros
vícios.
preciso ter horários
preciso ter amigos
preciso ver meus

filhos

PRECISO MUDAR!

preciso incluir comida
no cardápio diário
compartilhar com a mesma mulher
um almoço farto
alimentar o gato
com comida de gato
no fim das contas;
viver uma vida
mais digna.
afinal, que sujeito ébrio
tenho sido? quem foi
que ainda
não desrespeitei?
quem sou eu
para o gato que atualmente
mudou de cardápio?
e para o rato
que desamarrou
meu cadarço?

no caminho do trabalho,
que já não percorro há alguns dias,

começo a seguir um homem.
um sujeito aparentemente
normal.
com passos precisos
parece saber onde quer
chegar - e isso muito me atrai
por isso apresso o passo
ainda mais
visto que ele caminha rápido
lembrando bem
minhas próprias passadas
meu próprio
ritmo,
a diferença;
parece saber
onde vai - definitivamente
por isso continuo seguindo-o
disfarçadamente
não ousando se quer
tirar as mãos sujas
dos bolsos furados.
preciso ver
onde este homem vai chegar
e como vai se salvar.
eu verdadeiramente não sei o motivo
mas não consigo evitar

sinto que preciso aprender algo
com ele
parece ser a única saída
por isso aperto novamente o passo
quando o vejo
sem nenhuma dificuldade
adentrar em um ônibus
todo vermelho.
eu grito com o motorista
que fechou a porta na minha cara
chuto a porta, faço o diabo
e então ele a abre
novamente, embora que me ignorando
totalmente, como se
eu fosse invisível, ainda assim
antes que eu possa dizer
qualquer coisa
ele me comunica sem dizer
uma única palavra:

"permitimos animais
porém jamais
uma consciência
apurada"

sem reação, observo o ônibus partir

lentamente, a ponto de conseguir ler
em sua lateral em letras sinceras
e amarelas:

ser “normal” é o ideal

dos que não tem
êxito.

www.estrAbismo.net



Conto de Terror



Você sabia que as pessoas vendem suas almas sem saber?
Acabou que o pastor falou em línguas, disse palavras falsas
de quem quer fazer show mas invocou aquele ao qual tanto combatia
vender chaveirinhos, vender revistas, vassoura, pediu casa como dizimo
sua missão parecia cumprida porém, voltou para sua casa e no caminho ouviu algo como:
Alma, você agora será minha.
apenas por um minuto, refletiu que sabia que o que fazia era roubo de pobres
por conta de seu abuso, ganancia e soberba, percebeu que
ler a Bíblia para seus fiéis, não bastaria, vieram reivindicar sua alma ainda em vida
esse Pastor, continua fazendo o que sempre fez, seguiu roubando, e servindo ao que invocou
conto com você para divulgar essa história, agora leia cada primeira palavra de cada linha

Rogério Augusto Araujo, - Contos de terror -Piedade SP - 29/03/2017 rogerioaugusto@yahoo.com

Corte “Americano”

Regina Ruth Rincon Caires

Campinas/SP

No início da década de 1970, para tirar o sossego dos pais dos garotos, a moda era cabelo longo.

Aloísio, embodocado na timidez dos seus treze anos, filho mirrado de um negro e de uma cabocla, órfão de pai desde que nascera, vivia com a mãe e mais um irmão.

Meio carapinha, ele dormia todas as noites com a cabeça enfiada numa velha meia para tentar driblar a rebeldia dos longos cabelos. Quando acabava de lavá-los, com a velha tesoura aparava as pontas daqui e dali, ritual que fazia escondido, longe dos olhos da mãe e do irmão mais velho. Os dois não aprovavam aquela profusa cabeleira que deixava Aloísio com o semblante ainda mais franzino, disforme. Era uma cabeça desproporcionalmente volumosa sustentada por um corpo minguado. Imagem triste.

Certo dia, Paulo, seu irmão, ofereceu-lhe, de presente de aniversário, um corte de cabelo na barbearia do Seu Alípio. Aloísio ficou todo cheio! Cortar o cabelo numa barbearia era artigo de luxo. Desde que se dera por gente e até certo tempo atrás, seu cabelo sempre fora cortado pela mãe. Sairia da barbearia todo faceiro, cheirando a álcool, a talco ou à água velva!

No dia combinado, Aloísio recebeu uma cédula de dinheiro do

irmão, e foi todo aprumado em direção à porta. Antes de sair e temendo não saber o que dizer quando chegasse sozinho à barbearia, perguntou:

- Paulo, o que eu digo ao Seu Alípio?!

-Não fique avexado, oxe! É só chegar lá e falar que quer fazer o corte "americano"! Vá logo, ande! – respondeu Paulo.

Aloísio passou pelo portão, todo garboso, metido num traje domingueiro, calças até o joelho, impecavelmente passadas a ferro pela mãe. Caminhava quase aos trotes, tamanha a pressa, e com as mãos nos bolsos, remexia alegremente a cédula de dinheiro, e o seu velho canivete, inseparável companheiro. Logo estava diante da barbearia.

Cumprimentou Seu Alípio, e numa voz quase sumida disse a ele que queria cortar o cabelo, corte "americano", conforme a orientação do irmão.

Seu Alípio o colocou na velha poltrona, mas Aloísio era tão miúdo, tão apoucado no tamanho, que não conseguia se olhar no espelho colocado na parede de frente. A toalha fora colocada sobre os ombros, e Seu Alípio começou o preparo da tesoura. E, ao mesmo tempo em que começou a assobiar, iniciou também a dança das tesouradas. Era uma rapidez de movimentos que Aloísio ficou imobilizado. O medo de se mexer virou pânico quando ele pressentiu que, caso se movimentasse, poderia levar uma tesourada nas pontas das orelhas. Orelhas que, aliás, eram bem avantajadas, muito mais que o desejado...

Aloísio, enquanto ouvia o assobio ininterrupto do Seu Alípio soar cada vez mais estridente, via os tufos de cabelos caindo da tesoura, passando pelo seu rosto, pelos seus ombros cobertos pela toalha, pelos braços, e se esparramando pelo chão. Estava em choque! De onde saía

tanto cabelo? O que Seu Alípio estava aprontando na sua cabeça?! Espavorido, nem conseguia se mover. E o zunido da tesoura não cessava...

Atordoado, Aloísio fechou os olhos e, silenciosamente, clamava por todos os santos para que aquilo acabasse logo. De repente, Seu Alípio parou de assobiar e descansou a tesoura sobre o aparador. E com a mesma rapidez de ação, pegou um instrumento que parecia um boticão ampliado, tombou fortemente a cabeça de Aloísio para frente e começou a passar aquela ferramenta da nuca para o alto da cabeça. E como doía! Conforme subia, aquele aparelho ia puxando de maneira ríspida os fios de cabelo, roçando asperamente a pele da cabeça. Uma sensação horrorosa. E Seu Alípio voltou a assobiar...

Aloísio nem ousava abrir os olhos. Tinha receio de olhar o chão e constatar que todo o seu cabelo estava ali. Só queria que aquilo acabasse logo...

E Seu Alípio parou de assobiar. Guardou aquela estrovenga no aparador, junto com a tesoura, e começou a retirar a toalha.

Aloísio não queria saber de álcool, de talco ou de água velva. Nem aceitou a oferta de Seu Alípio para olhar-se no espelho, e nem se atreveu a passar a mão pela cabeça porque não queria constatar o que já sabia. Não queria saber de nada. Queria ir para casa, e lá, sozinho, olhar o que havia acontecido com os seus cabelos.

Pegou o troco dado pelo barbeiro, e foi rapidamente rumo à porta. Não precisou chegar a casa para certificar-se do ocorrido. O vento que lhe batia na nuca, o sol que lhe ardia na cabeça e as orelhas proeminentes esculpidas na sua própria sombra refletida na calçada

foram enchendo o seu peito de raiva, enchendo os seus olhos de água...

Aloísio, com a mão enfiada no bolso, comprimia com força o velho canivete. Apertou o passo. Queria sair da vista de todos. Já diante do velho portão, meteu o pé nos sarrafos já puídos, entrou em casa chorando em silêncio. A mão, que tentava esmagar o canivete no bolso, queria esmagar o pescoço de Paulo.

Naquele momento, se não tivesse a mãe, e se não fosse pecado, seguramente Aloísio teria furado o irmão...



Desejos de um Poenauta

Aníbal Hiadgi

Juazeiro do Norte/CE

Queria eu ter luneta

Pra ver de perto as estrelas.

Queria eu poder tê-las

Na palma de minha mão.

Queria eu, por que não?

Pousar naquele cometa.

A fluorescente caneta

Que faz traços no espaço.

Queria viajar em março,

Passar um tempo em Netuno

Que tanto cobiça Juno

E de Plutão sente falta.

Queria ser astronauta

Pra sair deixando rastros

Nesta nau cheia de astros

Que se chama Universo.

Queria eu fazer versos

Pra cada estrela cadente

E fazer um pedido urgente:

Quero dormir na Via Láctea.



Diálogo Deprimente

Sandra Modesto

Ituiutaba/MG

Sílvia acorda, acessa o que gosta e dá de cara com a foto linda no perfil da irmã.

- Nossa! Que linda! Amei! (Fala pra si mesma. Em silêncio. Mas, é claro, um pouco deprimida).

Corre pego o espelho sempre companheiro de uma vida inteira e pergunta:

- Espelho, espelho meu, existe no mundo virtual alguém mais bela do que eu?

O espelho fez de conta que não ouviu. Preferiu ficar calado. Respirar fundo seria necessário.

- Te fiz uma pergunta não escutou? Anda, quero a resposta!

O espelho amigo verdadeiro e sabendo que ela detestava esperar e detestava ser desmascarada, pensou, pensou e: (Ah, vou responder, esconder pra quê?) E mandou chumbo:

- E- XIS- TE!

- Quem? Seu merda!

- Sua irmã do meio. A que trocou a foto de perfil por uma muito linda!

- Como? Não, não acredito!

- Pode acreditar. Ela ficou simplesmente deslumbrante!

- Se você não sabe das novas tecnologias, a foto foi tirada com arrebatador, photoshop e todas as ferramentas possíveis.

- Caramba! Você está tentando se enganar. A foto dela é uma foto simples. Ela não usou nada. Eu sou um espelho saído de uma história antiga. Porém, atualizado. Sei de tudo. Ou minha carreira de espelho já teria ido pra o espaço.
- Tá bom, espelho que nunca mente. (Ela engoliu o sincericídio, mandou uma mensagem para irmã pedindo todos os cremes e produtos milagrosos. Simplesmente).

"Não sei se voltarei a ser a mais bela, mas, não custa tentar".

Falou pensando alto. Olhou-se no companheiro que desnuda a alma e as rugas de Sílvia, atravessando o tempo.

https://www.facebook.com/sandraluciamodesto. modesto



Disforme Amor

Nevio Burgos

Guaratinguetá-SP

Sentimentos pincelados a granel

Turva cor rodopia e moldura

Sua marca impressiona o papel

Amargura que goteja na pintura

A loucura mergulhada no tonel

Tingi a dor e transforma a estampa

Que exprime a verdade mais cruel

Era amor ou apenas uma trampa?



Ele Mora Ali

Day Santana

São Paulo/SP

Ele mora ali, só pode ser ele mora dentro do peito dela. Acredito que já tenha criado um lugar bem quentinho e aconchegante pra ficar, porque ele não sai de lá, de jeito nenhum.

Entra ano e sai ano, os fogos estouram, a vida ganha novas formas, ela fecha os olhos e faz novos pedidos, mas, ainda assim, ele não sai de lá. Ele mora no peito, na mente, no coração, acho que em cada parte daquele corpo ele deixou um pedacinho, ela já tentou varrer a casa da alma e limpar cada espaço, mas ele parece àquelas sujeiras que impregnam.

Ela não consegue esquecer, não consegue não pensar a cada manha, vive fazendo comparações inúteis e todo fim de tarde percebe que está pensando na possibilidade de tudo ter sido diferente.

Ela não entende nada a respeito desse amor, não consegue compreender o porquê de tanta obsessão, já se passaram tantos anos, nada se viveu, foram apenas passagens, sonhos interrompidos, sonhos dela, desejos dela, momentos dela. Talvez ele nunca tenha participado verdadeiramente de tudo, ela crê que bem no fundo ele não participou de nada.

Ele já te esqueceu menina, ele nem se lembra mais do toque da sua mão na dele, não lembra daquele abraço e nem do seu cheiro. Ele não arriscaria contar mais nada sobre aquela conversa, ele já te esqueceu.

http://dadaysantana.blogspot.com.br/

Entrei de Gaiato Num Navio

Cristina Bresser de Campos
Curitiba-PR

Professor de ginástica, resolvi faturar uma grana no verão dando aulas num navio. Fazia três dias e eu já estava muito arrependido. Sabe aquela história de drinks à beira da piscina, mulheres lindas e gorjeta em dólares? Esquece. Entrei de gaiato num navio, entrei pelo cano...

Eu dava aulas o dia todo para um bando de gordas classe média que pagaram as passagens em 12 vezes sem juros. À noite era obrigado a ficar duas horas dançando com passageiras na boate. Nunca imaginei tantas mal-amadas no mundo. O cheiro dos perfumes adocicados nunca mais iria sair do meu nariz.

Pensando nisso, entrei no elevador. Vazio. No canto avistei uma caixa de madeira escura com uma placa de bronze. Cheguei perto. Caralho! Dei um pulo para trás. Nisso entrou um garçom filipino. Apontando para a caixa, pedi a ele para ler. A hora que se tocou do significado, começou a chorar e gaguejar na língua dele.

Portas escancaradas, chega um segurança italiano berrando. Era enorme e ainda por cima, fedido. MUITO fedido num terno de poliéster. ¬. Onde já se viu segurar o elevador? Eu e o Kim, o filipino, nos afastamos. Ele entrou e deu de cara com o objeto. Aproximou-se: ¬ Ma che cazzo....? Madonna! Caiu de joelhos e se benzeu! Logo reassumiu seu papel e nos ordenou retirar aquilo dali! Nisso, já havia uma multidão à nossa volta. Por sorte estávamos nos deques inferiores, apenas para o staff. Um marinheiro argentino veio ajudar. Quando fomos erguer a caixa, ele leu

a em voz alta:

¬ Aquí descansan los restos mortales de José García Y Navarro, padre y esposo muy amado. 21 de Diciembre de 2014. O marinheiro tirou a boina, fez o sinal da cruz e carregou o volume sozinho.

Em torno da urna funerária, deram-se as mãos e rezaram o Pai Nosso, cada um na própria língua. Arrepiante. Uma negra linda se contorceu e começou a falar enrolado. Era só o que faltava, baixou o santo nela! Vontade de gargalhar irresistível quando vi o Kim todo mijado.

A chefe da recepção, loira seca e despeitada, lembrou de uma família García Y Navarro que havia embarcado há DOIS meses. A administração em terra estava tentando contato.

Nisso, chega um japinha de cabelo vermelho piercing no nariz:¬ Mierda Santa, el Director va a matarme ahora! Era o contrarregra de um filme de terror que estava sendo rodado a bordo. Encarregado da urna cenográfica, foi fumar um baseado e na fissura pelo bagulho, se esqueceu dela!

http://www.cristinabresser.com.br/



Escola da Vida

Rosimeire Leal da Motta Piredda
Villa Velha/ES

Quando um feto é formado, está sendo feita uma matrícula para entrar na escola da vida.

O cotidiano vai moldando aos poucos a pessoa.

No momento em que a criança vem ao mundo, é iniciada a aprendizagem. Estão ao seu dispor os melhores professores com titulação de Mestre e Doutorado: seus pais. À medida que cresce, brinca e aprende.

O material auxiliar de ensino é tudo o que está a sua volta.

As lições teóricas são realizadas em seu lar. Na convivência com as demais pessoas serão colocadas em prática, no dia-a-dia.

Muitas vezes, apesar de inúmeras explicações, o aluno demora a entender... erra muitas vezes até acertar. Porém, há aqueles que são sempre reprovados e parece que jamais alcançarão a próxima etapa.

A vida é um estudar contínuo, cuja carga horária só termina quando deixamos de respirar, entretanto, pressentimos que em tempo algum nos tornamos realmente habilitados para viver na íntegra.

É necessário ultrapassar a fase de estagiário e aproximar-se ao máximo de um profissional capacitado na arte de viver... igualar-se a um aventureiro e escalar os picos mais altos das dificuldades. Sofrer, ganhar ou perder, não importa, mas recolher o que adquiriu ao longo dos anos e seguir em frente; preparar-se para o próximo obstáculo, porque a existência é uma batalha constante, não necessariamente uma guerra violenta, porém, ela gosta de provocar para conduzir o indivíduo mais adiante.

A pós-graduação se dá na maturidade, no auge da vivência.

No fim, quando o ser humano fecha os olhos e parte para a eternidade, leva consigo sua maior riqueza: experiências de vida... isso não se pode receber como herança de ninguém: cada qual conquista a sua e ficam apenas as memórias da trajetória de um estudante que tornou-se universitário, diplomou-se... no entanto, lhe persegue a sensação que ainda falta alguma coisa...

Por muito que se vive, parece pouco...

Ao nascer, ganhamos uma caneta, para com ela escrevermos a história da nossa vida, contudo, um dia, a tinta acaba, não sendo possível substituí-la por outra.

http://www.rosimeiremotta.com.br/index.htm



Eu caminho...

Sandra Werneck

Manaus/Amazonas

Eu caminho. Tu caminhas. Nós caminhamos. Cada qual no seu pedaço de rua. Cada qual em seu mundo. Em sentidos contrários. Passos rápidos. Sem acompanhar o tempo. Tempo calmo, de sol e calor. Ar de cheiros desconhecidos. Pensando na vida, que a morte é certa. De um tranco, tudo vem abaixo. Troncho. Sacolas caindo dos braços. Se espatifam ao chão. Ovos rolam. Ovos se quebram. Sorriso amarelo. Desculpas dadas. Desculpas aceitas. Um pouco cansada. Suspiro sôfrego de dessatisfação. É cego.

Cego não é. Olhos lindos de tudo ver. Azuis-piscina. Podia nadar dentro deles. Mareada. Paciência, o homem distraído. Tronco robusto, bem torneado, trabalho de Deus. Quem sabe é um deus desencrespado. Disfarçado. Não é. É de carne. E osso. E sorri na tarde preguiçosa. E avança as mãos inseguras tentando juntar o que não havia se perdido. Nem quebrado. Batatas, queijo, manteiga. O mal já está feito. Nossas mãos se encontram. E os olhos. E as bocas, que ficam abertas a engolir saliva. O vento quente que vem de baixo, enreda quase como uma teia. Desenervado. E a gema amarela cresce na calçada, parecendo um sol a iluminar. Cresce a conversa. Cresce a fome no ventre. Cresce a fome nos olhos. Vou fazer uma omelete. Preciso dos ovos. Novos.

Eu caminho. Tu caminhas. Nós caminhamos. Cada qual no seu pedaço de rua. Cada qual em seu mundo. Passos rápidos. Sem acompanhar o tempo. Sou convidada a entrar em sua porta. Em sua

casa. Em sua vida. Para repor o que foi quebrado, o que foi desperdiçado. Eu querendo ir e querendo ficar. Ele me oferece seus ovos. Mora perto. Gentilezas nascendo. Lábios sorrindo. Dentes mostrando. Brancos, tão brancos no pensamento obscuro. E sorri na tarde calorosa. Suor escorre pela pele, pelo poro, pela curva, pela dobra. Derreto. De desejo. Peço água. Desisto. Rendida. Abre a geladeira. Tudo em ordem, etiquetado nos potes de plástico. Mundo perfeito. Meu mundo em desordem. A caixa de ovos na prateleira de cima. Ao fundo. Difícil alcançar. Mãos se tocam. Desculpas dadas. Desculpas aceitas. Sorrisos sem graça. Sorrisos brancos. Desgraça.

Eu caminho. Tu caminhas. Nós caminhamos. Cada qual no mesmo pedaço, o corredor que leva ao quarto. Um caminho que cabem dois mundos. Passos rápidos. Sem acompanhar o tempo. Sou convidada a entrar em sua cama. Em sua vida. Ele se oferece. Gentilezas nascendo. Lábios sorrindo. Dentes mostrando. Brancos, tão brancos no pensamento feito de ares desconhecidos, de novos cheiros. E sorrimos na tarde amorosa. Suor escorre pela pele, pelo poro, pela curva, pela dobra. Derreto. De desejo. Peço água. Peço a lua e as estrelas, o céu e o mar. O céu ele me dá. Rendida. Tudo em ordem. Mundo perfeito. E cresce a conversa. E cresce a fome no ventre. E crescem os filhos. E cresce a conta de luz. E cresce a conta do condomínio. E cresce a conta do telefone. E cresce a matrícula da escola. E cresce a água no tanque. E cresce as discussões com o marido. E cresce o escuro da noite. E crescem as árvores no quintal. E cresce a ansiedade. E o sol da tarde se espicha na janela. Amarelo como uma gema gigante pairando no céu. As crianças logo voltam da escola. E o marido. Com a fome crescida no

ventre, contando novidades do dia.

Eu caminho. Tu caminhas. Nós caminhamos. Cada qual no mesmo pedaço, o corredor do quarto que leva à porta que leva ao mundo. Passos rápidos. Sem acompanhar o tempo. Sou convidada a entrar em sua vida. Ele oferece seus ovos. Eu querendo ir. A um mundo de ares conhecidos, de cheiros conhecidos, de sentidos contrários, de contornos que eu sei de cor. Ao fundo. Mãos se tocam. Desculpas dadas. Desculpas aceitas. Lábios sorrindo. Dentes mostrando. Sorrisos sem graça. Gentilezas morrendo. Passo pela porta.

Eu caminho. Tu caminhas. Nós caminhamos. Cada qual no seu pedaço. Cada qual em seu mundo. Em sentidos contrários. Passos rápidos. Sem acompanhar o tempo. Tempo calmo, de sol e calor. Pensando na vida, que a morte é certa. Na cozinha quente, quebro os ovos na frigideira para preparar o omelete. Batatas, queijo, manteiga. Acendo o forno para o assado de carne. O calor do forno arde na tarde calorosa. Entre os seios o suor escorre. Escorre pela pele, pelo poro, pela curva, pela dobra. O vento quente que vem de baixo, enreda quase como uma teia. Pego água. Mundo imperfeito, de ares conhecidos, de cheiros conhecidos, de sentidos contrários, de contornos que eu sei de cor. Ao fundo. As crianças voltam da escola. E o marido. Com a fome crescida no ventre, contando novidades do dia. Imagine, meu bem: Eu caminho, no meu pedaço, em passos rápidos, e quem vem em sentido contrário?

https://www.facebook.com/sandra.godinhogoncalves

Eu Tive Delírios Numa Tarde Qualquer

Gabriela Ávila

Macapá/Amapá

Era uma tarde comum, usual, inócua. Em sua trivialidade eu me encontrava sentada ao teu lado. Nos desdobramentos dos muitos destinos nós nos encontrávamos naquele lugar aberto, sob vigílias invisíveis. Você tinha aquele ar contido, uma timidez até charmosa. Com meus botões, divagava no entanto, enquanto o vento soprava e trazia teu cheiro incessante para mim, um destino paralelo que aquele momento poderia ter.

Como seria se aquela tarde não fosse tão inócua, aquele lugar não tão trivial. Eu te olharia com malícia e o faria com minhas mãos. Arrepiaria tua nuca com uma respiração pesada no teu ouvido. Suavemente me deslizaria para baixo, até achar teu calor rígido. Você puxaria aquela calça para baixo sem nem hesitar. Com deleite eu te sentiria, teu pau um covite explêndido. Provaria-o devagar em êxtase puro com tua expressão.

Mas era só uma tarde comum. Você estava quieto demais e sei que não me deixaria fazer aquilo naquele lugar qualquer. Olhei pra frente, inócua. O destino tem dessas coisas.



Finitus

Maria Marta Nardi
Rio Brilhante/MS

Aqui, a pétala púrpura
tinge o nódeo tronco
das horas.

Espaço concreto
Fundo obscuro
Exílio de luz impura.

Tempo
de densidade
vegetal.

Formas sinuosas rojam
ventres finos
Arremesso de cactos
Precipício de sombras.

Finitude.
Folhas verdes que caem.



Fragmentada

Rayen Pâmela
Volta Redonda/RJ



“Grandes” Poemas 2

Gabriel Felipe Jacomel
Joaçaba/SC
faziafagiaebulimia.blogspot.com

Metafísica

de dentro do copo
adentro no corpo
transborda a alma

Shitos

a treta do coprófago
a ansiedade
de querer alimento
no adubo

Pre matura

destinos que érramos
folhas soltas ao vendo
em quedas de
primavera

Vacuidade

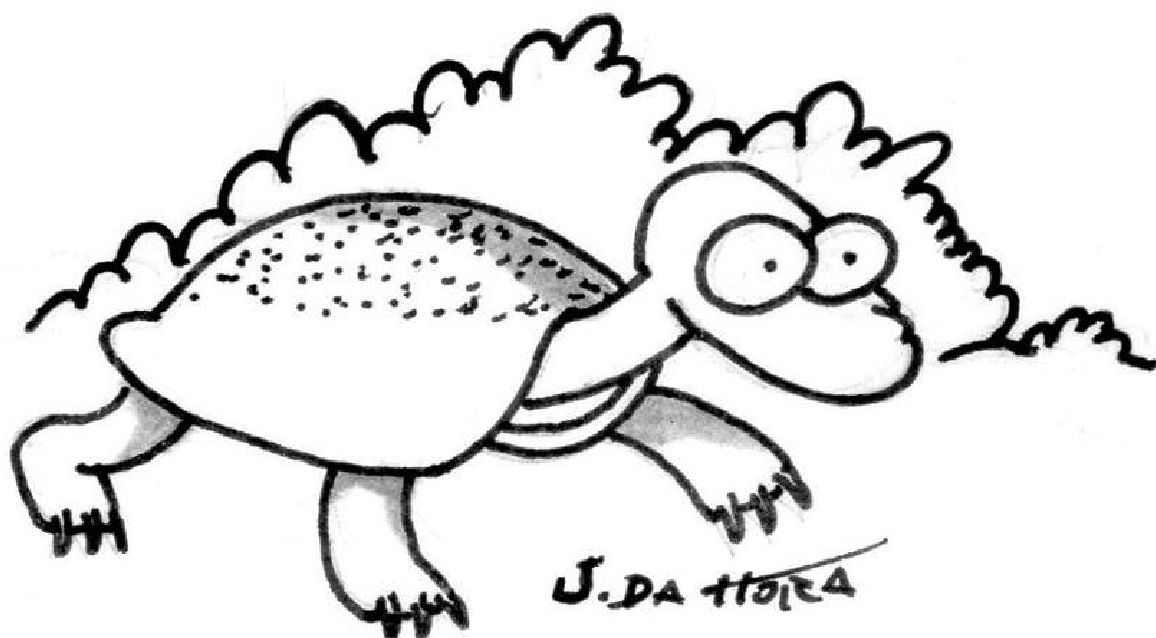
hikikomori
em mim
casa vazia

Haikai Engraçadinho

HAIKAI ENGRAÇADINHO

Jorginho da Hora

Com um passo aqui outro ali
vai levando a vida
o jabuti



HAIKAI ENGRAÇADINHO

Jorginho da Hora

Sossega
achar o fato no tempo
o verbo se encarrega



Hoje Não Será Amanhã

Flora Salvador Tito
Luanda - Angola

Hoje não será amanhã
Colho do teu néctar
Sem esperar que seques
Garantindo meu coração
Hoje não será amanhã!
Disseram-te que sou perverso
Com um ferrão deixo tenso
Tudo para que fiques longe
Pois, elas gostam do meu mel
Hoje não será amanhã!
Não espero a tua vinda
Em noite sem luar
Debruço-me ao teu encontro
Com cansaços e ardores
Hoje não será amanhã!
Hoje é o dia
Amortalhado chuvoso ou triste
Não importa que hoje seja qualquer coisa triste
Corre-te um rio dos olhos
Em fim…
Hoje não será amanhã!
Certezas firmes e belas
Que nem os olhos podem negar
Se te pedirem amor
Entrega-te como for
Como guerreiro a sua espada
O amor és tu, não eu
E o hoje não será amanhã.



Homem Caboclo

Ednaldo Reis
Santa Luzia/MA

Águas da incultura
Que corre no cerrado
Homem do sertão
Nascido lá no mato
Sertanejo da caatinga
Vaqueiro do pantanal
Caboclo da Amazônia
Caiçara do litoral
De norte a sul do Brasil
Vive o homem caipira
Aprecia o rasqueado
E a dança da catira
Usa chapéu de palha
Trabalhando com enxada
É o homem lavrador
Pelo meio da ramada

Periquito da caatinga
E a garça vaqueira
Saracura do mangue
E o papagaio-de-coleira
Aquele fogão a lenha
Típico lá da roça
Tem prosa na varanda
E o toque de viola
A terra e o fazendeiro
A manada e o vaqueiro
Agropecuário tem rebanho de boi
O lavrador é cultivador de arroz
Descendo e subindo ladeira
Ninguém assina sua carteira
As aves dessa terra
Tem cores exuberante

É necessário preservar
As matas verdejantes
Estão devastando tudo
Cadê o pé de graviola?
Onde está o habitat
Que vivia o tatu-bola?



Love Bokeh

Eduardo Fernandes Lopes
Jacareí/SP

https://www.instagram.com/eflfoto/

Mãe Meu Porto Seguro

Igor Rodrigues Santos

Minha mãe que me ensinou a sorrir
Minha mãe que tanto amo
Você é, e sempre será a razão do meu viver
É por ti que ao chora eu chamo
Quando sinto frio e dor, quando tenho fome, te chamo
Quando tenho medo, quando meu mundo está vazio
É você que com seu amor o preenche
Quando meu quarto está escuro
Logo ele é iluminado com seu brilho
Suas doces palavras sempre me trazem paz
Suas mãos me guiam e me encontram quando estou perdida
Minha mãe, hoje é seu dia, e é com muita alegria
Que quero te dizer,
Que se eu tiver que um dia renascer
Quero ser outra vez sua filha
E ter a chance de poder viver
Do jeitinho que até agora vivi com você



Mário

Moraes
Paulínia-SP

Em meio ao mar tempestuoso, ele disse:
- Calma, ria
Desejou calmaria
E sua alma ria
E na calma, ria
Em meio ao mar
Rio
Ao Amar, soluçou:
- Calma, Maria.

desintelecto-puro.blogspot.com.br



Meu Tempo

Thássio Ferreira

Rio De Janeiro/RJ

Não escrevo meu tempo
porque ainda não descobri
como meu tempo me descreve;
perdido no labirinto
-- conectivos, subordinados, subordinativos --
de meu frag
men
ta
do
discurso interior.

Sim, sei, filho do avião,
irmão do computador.
Herdeiro da foda pré-nupcial,
da foda pré-quase-tudo co-criador.
Mas que se foda a internet!
Por enquanto (por quanto tanto?)
não consigo
expandir-me de mim mesmo.
Menos que visionário,

não sou nem observador.
E não narro a pedra,
não narro o engenho,
não narro o computador.

Narro a mim,
pobremente assim,
de dentro para fora.

Bem pouco compreendo
e pouco, portanto, tento
cantar a sintaxe desse agora
ao redor:
meu tempo.
(o tempo do mundo
enquanto sou)



Mulher

Paulo Felix

Brasília/DF

Um ser diferenciado,

Que possui um coração imensurado.

Sua espécie é comparada aos anjos,

Como uma canção cheia de arranjos.

Tem grandes características,

As quais são magníficas.

Vem lutando durante muito tempo para ter o direito concreto de igualdade;

Hoje, está dominando o espaço com lealdade e dignidade.

Para os demais é um grande enigma indecifrável,

Porém, eternamente amável.

Todo dia é o seu dia,

Mas hoje é especialmente alegria!

www.peagafelix.com.br

Não é Tempo de Morrer

Maroel Bispo

Feira deSantana-BA

Que vontade louca de sumir
O Meu destino mesmo é não ir
Não vou por medo das alturas
Não vou e mergulho nas agruras

É assim a minha simples vida
Conduzida pelos ditames da lida
Agora é tarde, mas não morri
Eu fui moído mas eu persisti

Ignorante, percebi logo meu fim
Antevi o futuro e disse a mim:
Volta! Volta! Que queres fazer?
Volta! Não é tempo de morrer



Não, o amor não acontece

Léo Ottesen
Rio Grande/RS

Não.

O amor é batalhado, suado, cansado.
Acontece a vontade.
Acontece o tesão
a curiosidade.
O amor não.

O amor é construído, é insistido, é sofrido.
Acontece a carência.
Acontece a ausência
a solidão
O amar não.

O amar é coisa de dia a dia.
É coisa de um sim, dia não.
O amor acontece nos filmes, na televisão
na vida não.
O que acontece é a paixão.
O amor
Não.

www.facebook.com/leo.ottesen



Nau Sem Rumo

JackMichel

Belém/PA

A uma nau sem rumo lancei-me
sem querer chegar em porto seguro...
Ordenei aos leves ventos que partissem
para os confins dos mundos
e chamassem os ciclones.
Sem velas e sem bússola,
a nau rota, sem rumo certo,
farandolava insanamente, sem magia,
no compasso do turbilhão...
E o meu pensamento – atado ao cárcere
da Incompreensão descomunal –
também singrava, esfazendo-se,
como se fosse vetustos selos de coleção!...

https://www.facebook.com/escritoraJackMichel/



Nem Romeu, nem Julieta

Amélia Luz
Pirapetinga/MG

Já perdi a conta dos casos que ouvi de namorados românticos. Coisas do passado, é claro. Hoje em dia tudo está muito diferente, as moças não ganham mais as serenatas nas noites de lua cheia, mas elas vão com os seus "ficantes" curtir a balada vazando noites de agito total.

Bom seria mesmo ser a Colombina do Pierrô, ser a Julieta do Romeu, ganhar flores, chocolates, poesias autografadas e, no álbum da vida estar na primeira página ao lado do eterno namorado, aquele do primeiro olhar, do primeiro aperto de mão e do primeiro beijo no portão a despertar a primeira taquicardia.

Receber atenções especiais, corações flechados desenhados nas árvores do jardim com direito a nomes e datas. Ser escravos do Cupido até o fim da vida e contar e recontar todas as viagens, todos os presentes de aniversário, natal, dia das mães e, por que não, dia dos namorados mesmo comemorando as Bodas de Prata ou de Ouro.

Embora tudo isso seja sonho enterrado vivemos o pesadelo da falta de sensibilidade, de virarmos geleiras humanas sem a menor emoção a manifestar. Já não mais existem românticos que mesmo de "jeans e de calça desbotada" mandam "flores para a namorada" como na antiga canção. Que pena!

Com a revolução feminista visando a igualdade de condições, a mulher deixou de ser o sexo frágil que dependia da proteção do homem, preocupado em lhe proporcionar o melhor em muitos casos. Será que a mulher só ganhou ou também perdeu?

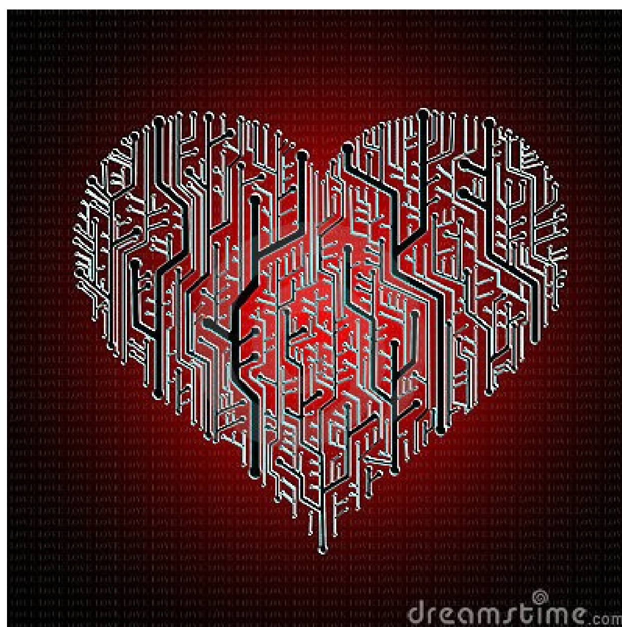
Despiu-se de rendas e cetins, vestiu uma bruta calça de brim, tirou o chapéu e a flor dos cabelos e saiu por aí tentando fazer a sua liberdade, ou melhor, a sua igualdade de poderes diante do sexo oposto.

Os homens comodamente se retraíram, guardaram os seus violões e suas poesias com declarações de amor e nem sabem se a lua é cheia ou minguante, porque minguados estão os seus sentimentos neste jogo da vida em que a nudez da mulher, reveladora de todos os seus encantos, agora é exposta, não despertando mais aquela curiosidade que despertavam excitações. Vivemos um tempo de amores passageiros, de divórcios e separações e casamento á moda dos nossos

avós e pais é coisa de cafona.

Viajando pelo cinema Hollywoodiano, palco de grandes amores, com músicas e ídolos famosos e beijos inesquecíveis que marcaram um tempo temos as mais preciosas cenas de amor.Como esquecer Scarlett O'hara e o Capitão Rhett Butter no filme E o Vento Levou encantando platéias que se espelhavam nas cenas de amor verdadeiro?

Hoje é a telinha do WhatsApp ou do computador a ditar regras que viciam e castram as emoções de todos criando um outro mundo de gente fria e isolada, inconsciente do que está se passando, na verdade, a seu redor. Escravizados pela máquina segue o homem por esta nova estrada, "deletando" emoções, plugando links, acessando sites no cansaço de se sentir vazio num horizonte onde o arco-íris agora nasce sempre em preto e branco.



O Insone

Gabriel Piazentin
Piracicaba/SP

Deita
Dorme
Desmaia
O insone
Rola
Recorda
Desdobra
No monte
O que não foi
E o que deixou de ser.
Fora a memória,
sofre por ela
Com ela
Os dramas da mente
Os medos, angústias
Agulhas
Facadas, pontadas
O Pânico
A ansiedade
A voracidade
Da psiqu'inquieta.
Um som
Uma buzina
Um carro acelerando
E este colocando
No papel
À caneta
Enquanto não chega
A queda pelo cansaço.

O insone não dorme,
é derrotado.
Blem!
Blem!
Blem!
Blem!





O Perfume

Luís Amorim

Oeiras, Portugal

Distribuindo perfume

Em pequenas gotas

Para quem se assume

Como portador de esperança

Enquanto tu anotas

As principais incidências

Numa curiosa andança

Com tantas preferências

No aroma que será o cume

Como milagroso perfume

Para uma outra dança

Em vida sem receita

De futuro que aceita

Tal eventualidade

Como definitiva oportunidade

De se perfumar bem

Para a mudar como convém

A quem já fez prece

Pelo que não acontece

Mas que certamente virá

Através do perfume de excepção

Que em palco está

Na praça com aglomeração
Da identificada multidão.
Cada gota ofertará
O que cada um desejará
Como a bela prosperidade
E a ansiada felicidade.
Há quem prefira o cheiro
Para ficar mais aromático
E quem escolha por inteiro
O bendito dinheiro
Para deixar de ser errático
Mas também aparece
Quem não se esquece
De ser lunático
Pedindo o irrealizável
Que fica em agenda
Como final adenda
Se ainda for palpável
Gota para milagre pronto
Destinada a algum tonto
Ou que não tenha
Tino em sua senha
Pois existe ordem
Mas que é apenas aparente
Em forma de gente

Quando outros até mordem
Os infelizes calcanhares
Dos que têm ares
De maior proximidade
Com perfume de raridade
Ou distinta singularidade
Por mais nenhum
Existir, para ter como dito
Que será o número um
Conforme eu fito
E tu ainda apontas
O que eu não preciso
De efectivamente ler
Para poder saber
O que bem contas
Por entre algum riso
Sobre o que se passa
Na visível caça
Ao perfume de promessa
Para tudo em espera:
Os sonhos para era
Como nova peça
Para ser vivida
De forma conseguida
Havendo quem tropeça

Na ânsia de chegar

À beira dele, a realizar

Sonhos e fantasias

Eliminando azias

E tratando de saúdes

Antes que tu mudes

Para outra página

Escrevendo sobre a sina

De tanta gente

Que não fica indiferente

Ao perfume assente

Na praça central

Das flores, como é habitual

Designá-la acertadamente

Procurando um outro final

Para destino seu

Que já se estendeu

Por inúmeras folhas

As quais tu olhas

Ainda com espanto

No teu recatado canto.

https://www.facebook.com/luisamorimeditions

O Poço

Gerson Machado de Avillez – RJ

"O misticismo surge da intolerável dispariedade entre imensidão de seus desejos e a estreteza de sua realidade."

Miguel de Unamuno

João Silveria fintava o céu estrelado cujo fulgor do luar cortava brilhando seus olhos num descontento final, fintava o vazio de seu derradeiro destino compelido por um desejo banal. João então relembrou toda sua história até ali, naquele poço ao ser traído e atraído por seus próprios desejos.

Sua vida e a história ligava-se aquele lugar, estavam entrelaçadas com a incógnita história daquele poço erguido em imemoráveis tempos. Para alguns obra do demônio, era uma obra o qual remetia a tempos antecedentes a de Portugal rezava a lenda. Poderia ser como uma lenda qualquer de poço dos desejos, mas aquele era de testemunho combalido não somente por sua origem jamais descortinada, mas por realizar todos os desejos de seus pedintes.

Assim João abraçou o mesmo e por meses depositava-lhe os poucos réis que lhe sobravam, e aqui está sua história.

João era um negro alto e de físico vigoroso pelo trabalho duro como ajudante de ferreiro, pertencente a uma geração de negros livres ante uma anterior de escravos fora afortunado agraciado pela lei do ventre livre. Tinha olhos negros e profundos, mas um sorriso luminoso

principalmente ante seu alvo de afeto, Justine, uma jovem e formosa moça filha de Joaquim, o ferreiro dono do lugar.

O fato é que João perdido em seu platonismo pela jovem temia nunca poder conquistar seu afeto e amor sem as virtudes financeiras dos abastados brancos e por isso apelou ao poço por meses a fio. Poço, pai indireto de muitos segundo seu pai, que lhe contava as histórias desde a tenra idade.

De certo muitos testemunhavam a favor de um misticismo envolvendo o poço de maneira que o senhor de seu pai, Zulu Silveira, apenas logrou sucesso com o mesmo. Vindo pra terras de pindorama, falido e condenado pela coroa, pagou por seus pecados em terras tupiniquins até que visando tirar do papel um projeto de moinho e fábrica de farinha clamou ao poço dando-lhe oferendas de dobrões por escravos que o executassem. Assim veio a ele dado por um amigo, escravos como Zulu Silveira, escravos que compelidos ao trabalho edificaram o projeto de seu senhor, Emmanuel Nogueira.

Porém, extenuado das longas jornadas de servidão, Zulu Silveira clamava em seu âmago íntimo pelo descanso da liberdade e em segredo pediu ao poço, com poucos dobrões custosos, por uma família livre. Assim fora que engravidou sua mulher de João Silveria quando ainda no percurso da gravidez se anunciou a lei do ventre livre e com notável esperança, Zulu viu se formar no ventre da jovem negra o futuro de uma família livre através de João Silveira.

João cresceu ouvindo as histórias do famigerado poço que estava em meio a uma densa floresta no meio do nada, e quando cresceu seu pai pediu para que ele vivesse o que nunca viveu. Fosse ao sabor do vendo que lhe desvelaria os caminhos da liberdade e lhe dissesse aonde eles deram, pois João teria como senhor apenas Deus.

Porém, com temor João viu sua liberdade cerceada pelas limitações financeiras impostas pela sociedade, assim fugiu ao amor por Justine a quem fintava seus cachos dourados em segredo, amar era o significado

mais cheio de ternura de sua liberdade, ainda que um amor platônico e meio a sua malfadada desventura financeira.

A jovem e bela Justine também teria sido fruto do ocaso do poço ao luar, seu patrão, o ferreiro Joaquim contava-lhe que ao deflorar sua amada mulher descobriu que ela era estéril. Assim Joaquim clamou ao Deus do alto e o poço do baixo o qual a fundura não se podia desvelar, depositou toda semana um dobrão naquele poço até que com os meses a resposta lhe sobreveio pela esperada gravidez de sua mulher. Joaquim que conhecia terras inglesas assim batizou Justine por considerar justiça e gracejo do insondável poço o qual somente se poderia vislumbrar pelo ribombar dos sons dos dobrões caindo em seu fundo.

Muitas eram as histórias de desejos atendidos por coincidência e sorte ou destino dos deuses e orixás. Mas João ainda que um crente no Deus dos cristãos passou lá depositar moedas junto com sua fé, na esperança de que seu desejo se concretizasse.

Durante o primeiro mês João passou depositar todos os sábados suas finanças e esperanças, mas como num infortúnio não teve respostas a não ser um agourento silêncio do poço. Assim passou-se dois meses e mesmo quando as trevas da noite se adensavam João passou a depositar e depositar.

Passou-se então quatro meses, cinco e seis até que numa noite sob a lua cheia João parecia exasperado com aquele lugar. Depositou suas moedas até a última o fundo tocar e murmurou e depois praguejou contra o infortúnio do poço que tragou por gerações passado adentro fortunas. Tomado então por uma perplexidade mesclada a fúria inclinou-se sob a abertura na esperança de que o fulgor do luar lhe descortinasse algo. Ouviu água, mas apenas de forma pardacenta consegui contemplar até que o muro que lhe escorava cedeu até o fundo a seu derradeiro fim.

Seu corpo estava estropiado e contorcido por fissuras e fraturas expostas quando despertou a fintar o céu estrelado e o luar pela

abertura do poço de onde caiu. Sentiu então desvanecer-se suas forças junto ao sangue que escorria de seu corpo junto as fontes cristalinas. João estava em seu fundo e como último esforço virou-se para o lado e contemplo infindáveis dobrões, moedas de todas gerações acumuladas como num grande cofre natural. Seu sangue que manchava as imaculadas águas corria entre as peças de ouro e prata. Naquele momento ele finalmente compreendeu, o poço que lhe atraiu, não lhe traiu, mas apenas cumpriu o que ele sempre clamou em sigilo insondável, morrer rico. Lá estava ele agora cercado de toda riqueza que sonhou e clamou, o depósito de inúmeros pedidos e desejos cujas histórias nunca conheceu, mas que de um modo a outro o levou inexoravelmente até aquele momento.

http://www.facebook.com/Filoversismo



O RAIO-X

Gabriel Araujo dos Santos

Campinas/SP

Todas as vezes que preciso passar por um raio-x, me salta à lembrança um acontecido na minha adolescência, num tempo em que se amarrava cachorro com linguiça.

Trabalhava como contínuo na única agência bancária do montanhoso lugarejo chamado Peçanha, lá nos confins das Gerais.

O gerente do Banco, Seu Aureliano, professor de música na Escola Normal, figura de peso e de muito respeito, tinha assumido a provedoria do Hospital Santo Antônio, também o único do lugar e da região.

Incumbiu-me de atualizar o inventário de entrada e saída dos pacientes do hospital, ditos indigentes, sem o que a instituição não receberia as chamadas subvenções governamentais.

Bom datilógrafo que eu era, e ainda sou, não demorou muito estava tudo em ordem. Mas não pensem que foi fácil! Não. Ainda mais que o serviço era feito à noite durante a semana, e também após o expediente de sábado e depois no domingo o dia inteiro.

No hospital não havia máquina de escrever, e tinha que levar na cabeça, galgando as íngremes ladeiras, uma daquelas pesadonas, de fabricação alemã, um nome difícil de lembrar, tão complicado era.

Desempenhei tão bem a tarefa, que as Irmãs Vicentinas, administradoras da instituição, sempre que havia algo para fazer, logo me requisitavam, e lá ia eu, contente por ser querido das religiosas. Um privilégio até!

Certa feita, com a mudança para Belo Horizonte do médico que era pau pra toda obra no hospital, o serviço de raio-x empacou de vez, pois só ele e uma das Irmãs é que sabiam lidar com o aparelho. E ela, a Irmã Vicença, mudara-se para uma cidade do interior de São Paulo.

Seu Barbosa, quarentão, gordo e sistemático, um enfermeiro prático, até que teve boa vontade de aprender a bater as chapas, mas ninguém soube dizer onde andava o manual sobre como lidar com

aquilo.

O assunto predominante no lugarejo passou a ser o raio-x e o bendito manual.

Felizmente, quando de uma das idas do Seu Aureliano a Belo Horizonte, a serviço do Banco – levando numerário, costume da época -, e como tinha ótimos contatos na Capital, veio de lá com um manual, mas sob a condição de logo ser levado de volta.

Não era de uma hora para outra que as pessoas iriam assimilar as instruções para manobrar o raio-x, e o jeito foi extrair uma cópia, e datilografada!

Mais de dois meses o tempo que levei para levar a termo a bendita cópia. Numa noite eu datilografava, e na seguinte meu pai conferia comigo, aquele rigor, coisa demorada, ainda mais que havia uns termos em outro idioma, creio que em alemão.

No sábado depois do expediente e no domingo eu dava continuidade à lida. Depois, aquela rotina da conferência. Teve vez que precisei refazer inúmeras folhas, pois saltara umas linhas.

À medida que ia fazendo as cópias, logo as levava, e as Irmãs e o Seu Barbosa, o tal enfermeiro prático, punham-se a estudar o funcionamento do aparelho.

Até que enfim cheguei ao final da empreitada.

Já bastante familiarizado com o assunto, curioso, ao lado de uma das Irmãs e do Seu Barbosa, passei também a ensaiar no manejo do já famoso e comentado raio-x.

Era um domingo ali pelas dez da manhã. Atento ao trabalho do inventário dos indigentes, vi-me despertado pelos gritos da Irmã Catarina, gaúcha de descendência italiana, linguajar diferente do nosso, esbaforida pelo corredor afora!

-Veni quá ! Veni quá! O Sinhore Barbosa nom está bene!

Saímos em disparada, atravessamos a rua e fomos lá para o pavilhão do raio-x, onde ele tinha ido lidar com o dito cujo e fazer umas chapas num acidentado da área rural.

Caído, e molhadinho de suor, o corpo repuxando e a boca espumando, parecia nas últimas.

Nisso, foi chegando mais gente, que o levou para a enfermaria.

E deitado e como que travado com umas correias em cima de uma espécie de maca, um velhinho gemia que gemia, coitado, tentando se desvencilhar daquilo tudo. Fiz o que pude para me entender com ele,

mas não me respondia, não dava a mínima, até o momento em que a Irmã lhe aplicou qualquer coisa, dando um sossego nele.

Quando eu menos esperava, e ajudada por outra Irmã, a Irmã Catarina veio com um avental de chumbo e me vestiu com aquilo, aquela coisa pesadona que só vendo, e que parecia maior do que eu.

- Si, o sinhore vai me ajudar a fazer o raio-x!

Entre orações e súplicas, obedeci.

A notícia correu solta, e em todas as ruas por onde eu andava o assunto eram as chapas que eu batera do velhinho, o roceiro chifrado por uma vaca parida de novo. Ainda por cima, ele era surdo-mudo, poverino! – como dizia a Irmã Catarina -, e eu não sabia.

E ninguém também sabia, nem mesmo as Irmãs, que o Seu Barbosa era epilético, um segredo que ele vinha guardando a sete chaves.

Mas a sua dedicação aos doentes e a vontade de lidar com o raio-x suplantaram em muito os incômodos que a enfermidade lhe causava...



O Senhor Sorridente

P.Campanario

Florianópolis/SC

Esperei o senhor de idade descer do táxi. Cumprimentamo-nos com boas-tardes e sorrisos e entrei dando um outro para o taxista. Mas este, pelo contrário, não deu bola para minha saudação, recebeu-me com o cenho fechado e já foi logo me inquirindo a respeito do velho que acabara de sair.

"O senhor cumprimentou-o, não? Conhece-o ou equivoco-me? "

"Sim, somos conhecidos, sempre batemos papo ali no bar da esquina, perto de onde o senhor deixou-o. Algum problema?"

"Veja só; terminada a corrida, o taxímetro marcava 24 Reais. O velhote deu-me 20 e disse: 'Já descontei os quatro que marcava o medidor quando entrei', deu-me um boa noite e saiu sem titubear e, ainda por cima, sorriu. O senhor Pedro percebe a situação? Desagradável no mínimo, não?"

"Ele sorria realmente ao sair e até cumprimentei-o porque nos conhecemos, mas não podia saber nem imaginar que ele tinha deixado de pagar a bandeirada."

"Pois o deixei ir porque de brigar não gosto, o sujeito avança na idade e isso é coisa de caipira que nunca tomou táxi. É um ignorante, pois não?"

"Não acho que seja ignorante. Ele nasceu aqui e certamente conhece a bandeirada. Além disso, é advogado. Ele é tudo, menos ignorante."

"Se ele sabia que existe a bandeirada e não pagou, só pode ter sacanagem nessa história. Ele é desonesto! Também não está de acordo?"

"O senhor me desculpe, mas se tivesse insistido pra ele pagar, ele pagaria. O senhor insistiu?"

"Não, não insisti. Nunca insisti pra freguês nenhum pagar. Eu acho que ele me fez de bobo. Ele é velho, sabe que eu não posso agredi-lo. É um provocador, é isso aí!"

"Não, de jeito nenhum. Outro dia, no bar, ele me explicou porque ele é contra a bandeirada. Diz ele que nada mais justo que ela exista pra evitar que o taxista faça viagens curtas, de uma quadra, por exemplo, a preço de banana. O problema é pra quem vai fazer uma viagem longa. Nesse caso, a bandeirada não serve pra nada! E hoje os taxímetros são eletrônicos e podem ser programados. Ele propõe uma bandeirada proporcional ao valor pago no fim da corrida. Se o cara anda um quarteirão, paga integralmente os quatro Reais, se vai longe, acima de vinte Reais, não paga nada, justamente como ocorreu há pouco. No meio disso, bandeiradas proporcionais ao tamanho do recorrido. Ele chama isso de bandeirada variável."

"É, o homem é inteligente, reconheço. O senhor sabe que eu já tinha pensado nisso? Realmente, pra quem vai fazer uma viagem longa, seria mais

justo não pagar. Outra coisa: ele propõe pra quem?"

"Ele é vereador."

"Ah! Já estou achando o velho esperto. O senhor não acha?"

"Não acho ele esperto, mas isso não vem ao caso, apenas está defendendo uma forma alternativa de pagar um táxi. Na verdade, ele acha que a cidade, um dia, vai se entupir de carros. Ele depositou na Câmara de Vereadores a 'Lei da Bandeirada', que mofa há mais de um ano esperando apreciação dos vereadores."

"Lei da Bandeirada?"

"É, ele diz que flexibilizando a bandeirada vai aumentar a freqüência de usuários de taxi e vai diminuir o trânsito na cidade. Vai ser bom pra todo mundo."

"Então o homem parece competente, não é?"

"Não muito, porque a frota de táxis aqui é pequena e só pode resolver o problema parcialmente, muito parcialmente, pois a maioria esmagadora da população não tem dinheiro pra pegar táxi. "

"Então, o senhor não o acha um demagogo? Só quer apoio popular pra ganhar a próxima eleição!"

"Não, não acho que seja demagogo. Ele não se candidata mais. Cansou-se da politicagem. Ele acredita mesmo no que faz. O problema é que o projeto é bom, mas só na teoria. Na prática, os taxistas perderiam, ganhariam menos trabalhando mais e, portanto, tal projeto nunca será aceito porque vocês são um grupo de pressão organizado. Repito: o problema é ele, porque é o único a acreditar no projeto. Já viu projeto ganhar com um voto?"

"Já sei, ele é burro!"

"Eu já disse a mesma coisa. Lembra que eu disse que ele não era vivo? Bom, chegamos! Calcule aí quanto fica já tirando os quatro reais desse total!

"O senhor está a brincar!" "Quá, quá, quá, estou sim! Aqui está o dinheiro, com a bandeirada."

"Quá, quá, quá! Aquele velhinho era interessante, pois não? Passou-me a perna e estou a rir!"

"É, ele é complicado, como todos nós. Boa noite." "Boa noite."

O que eu não contei ao taxista é que eu não conhecia o velhinho. Cumprimentei-o por respeito à idade e por ter sorrido pra mim, simplesmente.



Olhar de Mãe

Daniela Genaro
São Paulo/SP

Viu a festa e todo dia
como quem sorria.

Viu a noiva e a pipoca
com a mesma alegria.

Viu os filhos e os netos
como quem nascia.



Olhos Selvagens

Glauber Costa

Manacapuru/AM

Fechando o portão, apressado, para voltar ao computador, percebeu a presença, na rua, das borboletas. Elas passavam de um lado para o outro, mesmo quando passavam carros. E circulavam, uma solitária ali, outra voando mais alto, por entre as pessoas, as motos, as bicicletas e os outros animais. O que faziam? O que será que fazem as borboletas? Pensou. Enquanto a vida humana se ansiava, elas estavam tão perto. Procurariam algo? Algum tesouro esquecido? Algo debaixo da terra, que não dá mais para cavar?

Recordou que à noite passavam sempre uns morcegos. Refletiu se os bichos de asas não seriam menos perceptíveis. Pela manhã, havia os passarinhos no quintal. O que faziam ali, naquela cidade tão entediante, aqueles bichos com asas? Por que não voavam para longe, para outros lugares maiores, alguma floresta, um jardim? Mas não, ficavam ali. Filosofou. E subitamente sentiu-se acompanhado. Depois, suspirou tranquilo, como se anjos estivessem pousados para fazer companhia a ele. Como se eles estivessem tecendo, pacientemente, o tempo para ele, e para todos os que moram ali, um dia poderem voar.

Chegou, enfim, de volta ao computador e logo viu na tela inicial uma paisagem campestre. A tela estava assim já fazia dias, muitos dias, e ele não tinha percebido nada de especial. As paisagens e as asas estavam camufladas, constatou. E nem era uma cidade grande,

acinzentada. Era um interior dentro da mata mesmo. Árvores para todo lado. Mas ele não havia notado. Será que era pela abundância? Existiria, então, um mundo por baixo do outro, que ele só estava vendo agora, assim, de repente, na pressa de fechar o portão? Aquela mente teria enlouquecido de fechar portões e guardar-se na sala, no quarto, na própria intimidade?

Olhou, nos olhos, o gato da casa, mas seus olhos não diziam nada do que ele queria saber. Aqueles olhos reptilianos e frios. Que tipo de sentimentos existiria neles? Existiria culpa? Ou culpa, talvez, seja uma invenção humana? Ficou sem resposta, aflito, procurando alguma coisa naqueles olhos amarelos. Eles estavam vivos, assim como ele também está vivo. Pensou: Serei eu o que o meu corpo é? É dos meus olhos negros, então, que brota toda essa agonia? Olhou ao redor para as paredes e espantou-se de ver o mundo dividido em dois: o das paredes e o das pedras sobre pedras.

Levantou-se. Caminhou até o portão, novamente. Olhou a rua e viu as pedras, os paralelepípedos, o vegetal entre eles. Sentiu que sua casa esmagava alguma coisa viva, com a ajuda do seu peso dentro dela. Saiu.

A rua estava vazia. O céu imenso. A tarde terminava. Andou. Começou uma caminhada. Por vários minutos não pensou em nada. Calou-se. Ficou mudo pelo que via. Era tudo muito frágil e vivo. Dos insetos aos urubus. Foi andando tanto que o seu corpo começou a suar. Aí sentiu mais o corpo, ou melhor, flagrou-se sentindo, com consciência. Estava pulsante. A mente esgotou-se. Consumiu-se em uma vertigem de cansaço. A noite já estava esfriando. E isso lhe causou um calafrio. A

lua estava cheia. Iluminava a sua face quente, os seus olhos selvagens. Sentiu que o sangue circulava. Tocou mentalmente cada ponto do seu corpo, usou o pensamento. Raciocinou aquele mistério.

Onde estava mesmo? Dois mundos se dividiam, como águas que se desencontram. Sua cabeça se repartia. Ele sabia que era impossível existir dois mundos assim, sem que ninguém notasse. Impossível, dois mundos. Resistia. Foi ao fim da cidade. Olhou o céu, encarou a lua, ouviu os grilos. Era já outro mundo, longe do portão. Era também uma outra vida? Estancou. Estagnou, pensativo, hipnotizado.

Ouviu um barulho de rio. Depois, de mato. Havia algo no mato. Seus olhos estavam firmes, como os do gato. Seguiu os rastros sonoros. Entrou no mato escuro, iluminado pelo céu da noite, e viu. Viu um menino magro, assustado como um cego, girando para todo lado, procurando algo para se encostar, com as mãos para trás. Quem seria ele, não pensou. Avançou. O menino ficou mais agressivo, defensivo. Fez gestos bruscos para afastar o invisível. Então, ele tocou o ombro do menino. Um pulo. Um salto para trás e os dois ajeitavam os corpos para a briga. Encararam-se. O menino via. Desfez-se o susto. Fez-se um riso. Conhecia-o. Você veio, o menino disse. Você chegou. Eu, que estava cego, agora posso enxergar. Todos nós ganhamos olhos a ver mais, algum dia. Venha, vamos ao fundo. Tens que quebrar o meu esqueleto. Foste sequestrado pelas borboletas. Faça-o e minha pele será tuas asas.

O homem assustou-se, ofegante. Um susto, um delírio, uma urgência. Onde ele havia ido parar? Sentiu-se um intruso. Não sabia o que fazer. Esperou. Aguardou que aquilo se desfizesse. Mas o menino continuava ali, parado, também no aguardo. Estou perdido, pensou. E o

menino escutou. Sim, estás. O besouro daqui é mais letal. Tudo aqui vai ser visto por ti como quem é olhado por um enfermo. Aqui é o mundo dentro do mundo. Aqui é o perto e o longe. Por isso, estás perdido. Mas é assim perdido que se encontra o jardim, disse o menino, quase sorrindo.

Quebra-me, salva-se, é a lei. E prossiga. Ele ouvia e não entendia. Quis voltar, mas algo o paralisava. Nem olhar para trás ele conseguia. O coração estava ligeiro, ele ouvia. E aquele som se confundia com um tambor distante, que parecia que vinha, que se aproximava. O menino fez um gesto de quem ouvia. Está ouvindo? O teu coração é quente, cai bem para o estômago de um faminto. Quebra-me.

Sentiu-se preso. Aprisionado. A noite inteira era uma prisão. Desapareceu a ideia do amanhecer. Era o mundo uma grande noite, e ele precisava reagir. Deu um passo para trás. Pisou uma folha barulhenta. O menino silenciou. Parecia algo esperar. Não aconteceu nada. Deu outro passo para trás. As folhas eram o próprio chão. O menino gritou. Um grito horripilante. Um salto de medo levou o homem para trás de uma vez. Caiu. Quando levantou, o menino já estava caído. Olhou ao redor. Nada. Ventava mais frio. Era um vento frio, muito frio. Sentiu a sua pele fria. Foi até o menino jazido.

Morto. Ele estava morto, meu deus! O que faria? Olhou novamente ao redor. Aquilo tinha que ser um pesadelo. Tocou. Estava tudo frio. Chegou o medo. Quis fugir. Por impulso, correu. Se algo havia matado o menino, poderia matá-lo também. Correu. Correu o mais rápido que pôde. Sentiu o coração bater. Correu até sentir calor novamente. E sentiu. Encontrou, sem procurar, a cidade outra vez. Saiu de um beco.

Parou, respirou ofegante. Ninguém. Alta madrugada. Voltou para casa. Perplexo. Fechou o portão. Dormiu cansado. E sem sonhar.

No dia seguinte, quando saiu para trabalhar, e uns poucos carros passavam para lá e para cá, viu que, no meio deles, uma borboleta girava no vento. Parou e ficou na calçada a olhá-la. O que ela fazia? Viu um cachorro passar. Imaginou o corpo dele como algo quente e alerta. Voltou o olhar novamente para a borboleta, que já não estava. Suspirou, com medo, ao restar apenas o próprio corpo para a sua atenção. Estremeceu ao se imaginar quebrando o esqueleto do menino. Um arrepio.

Que mundo era aquele que podia se camuflar ou se revelar em um segundo de distração? O que criaturas aladas estariam aguardando, assim, tão perto e aqui? Distraiu-se. Seus olhos estavam fisgados por dois mundos simultâneos. Que isso se espalhasse para os braços e, depois, para as mãos, o frio, de algum jeito, o alcançaria; e ele precisaria sempre de ter asas, sentenciado por um invisível quente, lutando para ser quente. Sentia. Era o que agora pulsava em sua mente, no escritório, em frente à tela bucólica do computador. E do mesmo modo que nada dizia, não sabia o que fazer. Não sabia agora e sentia bem forte que nunca saberia.

http://glauber-manuscritos.blogspot.com.br/

Os Olhos da Miséria

Alan Gandur
Niterói-RJ

Como as estrelas mortas,lançam ainda seu brilho,em busca de olhos que o guardem,antes que se perca pelo infinito, alguém uma vez, lançou-me também seu ultimo olhar de esperança...

Fazia meus primeiros experimentos de luz e cor,em passeios pelo campo,quando numa curva da estrada,deparei com uma caipira, ainda jovem,mas já com filhos, aprisionada naquele ermo para sempre...

Eu era para ela o passarinho livre,o simbolo do que perdera,e senti que a cada passo que dava,era seus sonhos que levava comigo...

Envergonhado, segui a jornada, porém nunca mais passei por ali, nem a vi...

Dei tanto amor a outras, mas sempre me ficou algo reservado para ela,na esperança de algum dia poder aplacar a tristeza daqueles lindos olhos...

Ela não tinha nada, mas foi quem me ensinou o que era a vida!

https://www.facebook.com/alan.gandur.1



Palavras no Silêncio

Letícia A. Ucha

Porto Alegre/RS

Jerusa era uma moça pobre que adorava observar tudo à sua volta. O movimento das pessoas, suas expressões, o céu, os pássaros voando, o colorido das flores, tudo a encantava, mas com uma pontinha de tristeza... Não ouvia absolutamente nada. Às vezes, colocava as mãos na caixa de som para sentir a vibração do som e tentava dançar, porém não conseguia captar o ritmo.

Comunicava-se pela linguagem das Libras, pois aprendera com a patroa de sua mãe que era professora de crianças especiais. Sabia ler e escrever muitas palavras, mas com dificuldade.

Uma de suas maiores distrações era ler revistas de celebridades, sonhava com os locais, roupas das atrizes. Foi quando teve uma ideia: leu um anúncio sobre um curso de corte e costura via correspondência e resolveu fazer. Se desse certo, poderia com o dinheiro da venda dos vestidos comprar o tão sonhado aparelho auditivo. Porém, até concluir o curso, conseguir clientela, demoraria... e Jerusa não aguentava mais ver a vida como um filme de cinema mudo.

Juntou uns trocados, comprou um bilhete na rifa da igreja. Com sorte poderia receber o prêmio em dinheiro. Chegou o grande dia do sorteio! Jerusa, sentiu um frio na barriga quando viu as pessoas se aproximarem do palco. A moça responsável pelo certame, tirou do pote um papel fechado e mostrou o número! Infelizmente, não era o de Jerusa. Triste, saiu apressadamente.

Sentiu alguém puxá-la pelo braço. Era sua amiga Vanessa que não era deficiente, mas também se comunicava em libras por causa de seu avô e estava com um jornal na mão. Era um anúncio da Faculdade de Fonoaudiologia. Seriam feitos estudos com pessoas sem audição e seriam

fornecidos aparelhos auditivos gratuitamente aos voluntários.

Na segunda-feira de manhã, Jerusa já estava na fila dos voluntários. Desta vez, a sorte sorriu! Ela foi selecionada para fazer parte das pessoas que fariam parte do projeto.

Algumas semanas depois, já usando o aparelho auditivo recebeu uma mensagem de Vanessa avisando que estava com suspeita de gripe H1N1 e perguntou se ela poderia ficar em seu lugar como babá da pequena Isabela, enquanto ela ia ao médico.

A mãe da criança, Julia, uma artista plástica em ascensão, confiou na escolha de Vanessa e aceitou a substituição. Jerusa ainda estranhava alguns sons e os mais estridentes lhe causavam algum mal- estar. Apesar de gostar de crianças, a moça não estava suportando os sons agudos do choro constante de Isabela. Foi quando teve uma ideia: tirou o aparelho auditivo. Colocou a criança no colo e acabou pegando no sonho.

Só que ninguém esperava que o filho da faxineira de Julia, tivesse pegado a chave da casa que ficava com sua mãe Marizethy para quando ela fosse fazer a limpeza. Ela era uma senhora honesta e trabalhadora, porém seu filho Maicon vivia em más companhias.

O rapaz entrou no apartamento e subtraiu três esculturas em bronze e prata as quais seriam apresentadas em um leilão de arte.

Jerusa e Isabela estavam em outra peça do amplo apartamento de 300m².Ainda sem o aparelho, a moça não ouviu nada e não percebeu a presença de estranho no local. A criança ainda dormia.

No final da tarde Julia retornou à casa e notou a falta das obras de arte. Foi logo, tirar satisfação com Jerusa que não conseguia ainda expressar através da fala somente por sinais. A dona da casa ficou sem entender o que estava acontecendo. Ligou para sua babá Vanessa que explicou que a amiga era surda, mas estava aprendendo a falar.

Julia explodiu furiosa! Como tinham ocultado um detalhe tão importante que a babá só se comunicava através de sinais! Vanessa, pediu calma e garantiu a honestidade da amiga e que tudo seria esclarecido.

Como o edifício era antigo não havia câmeras de segurança. O porteiro seu

Alaor sempre ausente afirmou não ter visto ninguém diferente no prédio.

Julia deixou Jerusa ir embora mas com uma condição: pegou um papel e escreveu:

"Em 48 horas você deverá trazer as obras de arte de volta, caso contrário irei à polícia."

Jerusa foi embora quase chorando. Caminhava apressadamente sem saber o que fazer. Passou por uma lancheria, sentou em uma das mesas e pediu um sanduíche com guaraná. Estava tão atordoada que não colocou novamente o aparelho auditivo. Deixou-o na bolsa. Aqueles sons altos e sem significado a deixariam mais agitada ainda.

Perto de sua mesa, sentaram-se três rapazes bonitos. Jerusa começou a prestar a atenção neles. Um deles era Maicon que estava com uma mochila bem cheia. Jerusa começou a observá-los: mais que isso: começou a LER os lábios deles.

Ao perceber o teor da conversa, engasgou-se. Os três nem perceberam a reação da humilde Jerusa. Os três estavam comentando sobre como fariam para vender as obras de arte subtraídas da casa de Julia.

Jerusa abriu sua bolsa, pegou uma caneta e anotou o endereço do local "da venda". Passados minutos os três saíram sem notar que haviam sido observados.

Procurou sua amiga Vanessa e contou tudo. Esta feliz por não estar doente e pela solução encontrada, comprometeu-se a ajudar Jerusa.

Contou à Júlia o que a amiga vira e forneceu o endereço da "venda". Meio descrente, esta comenta a situação com o marido que é delegado. Ele acredita na moça e comparece com sua equipe ao local e hora. Ocorreu o flagrante esperado: as peças de arte foram encontradas e a gangue presa.

https://www.facebook.com/leticia.ucha

Pânico de Aeroporto

Sonia Regina Rocha Rodrigues

Santos/SP

Entendo, sim, ah, como entendo!

Você passou pela pior experiência de sua vida e está traumatizado; teve um colapso nervoso, quase perdeu o avião, passou meses à base de tranquilizante e o psiquiatra desistiu de tentar tratar você.

Você agora quer cancelar as férias, desistir da viagem planejada pela família, seus filhos o odeiam e a mulher quer o divórcio, A situação pede medidas desesperadas, eu sei. E creio ter a solução.

Eu, como você, vivi minha primeira experiência de horror na maturidade, na frente de filhos na pior idade, sentindo a pressão interna de ser o modelo, de dar exemplo, corresponder à imagem de pai herói, essas imposições mentais que nós, simples mortais orgulhosos, sofremos antes de conhecer o tamanho do monstro.

Em Guarulhos o estresse de aeroporto foi administrável. Vai-se ao banheiro com um olho nas crianças e outro nas malas. Em minha primeira viagem, as danadinhas não tinham quatro rodas, como as de hoje. Meu batismo de fogo foi Toronto, onde eu fiz conexão e precisei fazer o translado das malas.

Confiante em meu francês, logo descobri que fora de Quebec quem se exprime em francês, no Canadá, são somente as placas. Ante o meu ar desesperado, um funcionário solícito chamou por outro, que "falava a minha língua": espanhol!

Enveredei por corredores sinuosos, desci, subi, enganei-me, refiz o percurso suando, embarquei em um pau-de-arara versão aeroporto, um ônibus que transportava gente em pé e de alguma forma as malas e as crianças tinham de ser contidas - como? Em meio a olhares furiosos e

críticos, atravessamos um viaduto e fomos finalmente despejados em um terminal do doméstico, infelizmente o terminal errado...

Havia um mapa imenso em uma das paredes, para facilitar a vida dos perdidos no labirinto. Bela tentativa, no meu caso, inútil. Meu cérebro disléxico interpreta mapas às invertidas. Disléxicos travam sob tensão.

Os elevadores, por alguma sinistra intervenção, escondiam-se de mim. O jeito era utilizar rampas e exercitar os braços ladeira abaixo ou acima. A essa altura eu agradecia ao universo porque letras e números são iguais em português e em inglês. Quando pensei ter chegado ao destino final, encontrava-me diante do balcão de entrega de malas. Depois de breve descanso, a brincadeira de "descubra seu portão" recomeçou, sem as malas, felizmente.

Indicaram-se a direção B4, embora no painel eu lesse C7...eu em francês, o outro em inglês, desconversamos em um mapa, rascunhado com um "x" que deduzir marcar o local de nosso embarque.

Não era no B nem no C e quando descobri isso eu já emagrecera alguns quilos, perdera a cor e a voz. Um anjo jogou em meu caminho outro brasileiro tão perdido quanto eu, mas com a vantagem de falar inglês.

Um guarda impaciente, aos gritos de "go! go!" apontou um túnel adiante. Corremos loucamente, o rapaz, eu e as crianças.

Fomos encontrados por uma perua, vazia, a buscar pelos retardatários: nós

Fui o último a entrar no avião, sem direito a banheiro, lanches, compras, nada.

As crianças me olhavam caladas, em um misto de decepção e piedade pelo pai desalojado do pódio. Consolaram-,me com beijos molhados e acariciavam meu rosto com mãozinhas trêmulas, a repetir como um mantra "está tudo bem".

A vida é impiedosa. A próxima viagem, onde eu ingenuamente

pensara embarcar, para Paris, como um "connaîsseur", me surpreendeu com novas torturas: check-in eletrônico, drop-off de calçada, GPS, aplicativo para acompanhar informações de voo pelo celular.

O pobre viajante agora precisa ler uma lista telefônica de instruções antes de descobrir em dez segundos que com ele a tecnologia empaca e o direciona ao balcão, onde um profissional educado não coloca em palavras o eloquente olhar: "por que cargas d'água esse sujeito não fez tudo online?"

Segui pela vida, sofrendo entre senhas e terminais, simplesmente porque minha paixão por viagens é maior, muito maior que meu pânico de aeroporto até que...

- Mamãe (de 87 anos) vai junto com você, levando duas malas de 32 quilos, mas não se preocupe que eu já pedi cadeira para ela.

- Mãe? Cadeira?

- Claro, irmão, cadeira de rodas, para idosos, depois da Imigração.

Chorei noite seguidas. Às escondidas. No escurinho do quarto. Meus pesadelos recorrentes versavam sobre a impossibilidade de atravessar os longos corredores de aeroportos com mãe, cadeira de rodas, malas. Como eu iria dar conta? Dessa vez emagreci antes do vôo.

A confusão começou já em Guarulhos, em reforma, sem sinalização, e o taxista folgado que desconhecia o caminho:

- O senhor desce lá e pergunta, faz o favor, que eu não posso sair do táxi.

Lá fui eu, atravessei o estacionamento, cruzei duas pistas congestionadas e falei ao atendente do balcão de informações:

- Minha mãe tem 87 anos, está lá no estacionamento, fiz o pedido de uma cadeira de rodas para a *Delta Airlines*, como faço para ...

O risonho rapaz nem me deixou terminar a frase. Chamou alguém

da *Delta* pelo telefone:

- Uma passageira de 87 anos está no estacionamento, tem como ir lá buscar? É uma situação especial.

Menos de cinco minutos depois, um funcionário ligeiro e atencioso foi buscar mamãe, chamou outro colega eficiente para ajudar no transporte das malas. Segui atrás deles, em passo acelerado, maravilhado em ver como os elevadores apareciam magicamente quando precisávamos deles, passamos à frente na fila do despacho das malas e na de embarque. O rapaz só nos deixou à porta mesmo do avião.

Na descida, a comissária de bordo me avisou que nem levantasse. Após todos descerem à que a cadeira apareceria à porta da aeronave.

Assim descobri: acompanhar idoso é tudo de bom!

Esqueça as dificuldades todas - rampas, painéis, elevadores, portões. Conheça finalmente a alegria de voar. Se você não tem o seu próprio idoso, procure-me, que eu alugo mamãe.

Faça como eu, que já comuniquei a meus médicos que a partir de agora dispenso terapias, florais e ansiolíticos ineficazes.

Mamãe é melhor que Prozac.



Podridão de Partículas

Morphine Epiphany

São Paulo/SP

Pura infecção generalizando
as entranhas
E os meus pés na
imundície destas ruas
Não se diferem do odor
de cada esgoto
Abutres possuem o amor pela carne
Eles desejam nossos intestinos
saboreiam pústulas, enfermidade
e depois vasculham outro moribundo

Muitas pessoas não conseguem cheirar
as partículas podres da alma
Eu saio pelas vitrines
com a podridão por excelência
Esse ranço de pecados,
pus e desprezo
Sim, essa invisível projeção fede muito

Centenas de pessoas tentam perfumar,
encobrir e até plastificar a alma
Mas, o meu faro alimentado pelo pior
sempre as persegue nas calçadas
Tentam embelezar seus assassinatos

Não sabem que alma
é uma espécie de privada
Quando você deposita mentiras,
a descarga te suga
Não sabem que corpo
é um amontoado de vermes
Quando você aplica farsa,
ele acaba corroendo.

https://www.facebook.com/cristiane.v.defarias



Poema

Emanuele Sloboda
Rio de Janeiro/RJ

Nossas liberdades apoderam-se da sutil embriaguez do enlace.
Amar-te consome-me de tal forma a me castigar devido a tua ausência.
Em contrapartida, temo a desilusão.
Amo-te por ser uma quimera escorregadia, distante como os mais pueris desejos.
As contínuas comparências certamente massacrariam este amor em prol da ânsia nômade. Amo-te.
Longe. Inalcançável.
Tu és o acalento, a assombrosa lembrança sufocante e doce a morar em meu peito.
Antes envenenar-me pela saudade a comprovar que este amor irá arruinar nossas vitalidades.

https://www.facebook.com/pg/meandrosl



Poema de Representação

Mickael Alves da Silva

Ceará

E segue o homem dado como miserável
Chega antes dele sua má reputação
Desvia assombrado dos olhares rígidos
Algum ser o compreende
Possivelmente não
Segue sua honra sendo imperceptível
Anunciam: Livre é o viver
Mas lhe concedem só condenação
Mas esse homem
Feito de martírios
Enxergar tudo
Com um olhar raro
Por ter provado
O gosto amargo do mundo
Vê o espetáculo dos raros
Belos atos
Tem como verdade
A realidade que rasga seu peito
Pois é homem de bem
Em segredo



Poesia XXIII

Chievato Lerini
Fortaleza/CE

Quanto tempo será que ele dura?
Quantos açoites o corpo suporta?
Por qual razão a essência exorta
O espirito que à láurea augura?

Quando te acomete dor veemente
E primeira, e em ti permanece
Especula tudo por que padece
O intervalo ao morto do doente

Há anos que nasceu a Tristeza
Oriunda do seu entendimento
Antes latente em sua natureza

De repente rompeu em sofrimento
O lancinar progride n'alma acesa
A panaceia, só o passamento

https://www.facebook.com/JoaoFrontino/



Psicopoesias

Rogar Santos

Rio de Janeiro/RJ

Esse papel timbrado
Que descreve todos os nossos
encontros
Que prescreve todos os nossos
desejos
Esse papel amassado
Que guardamos nossos sonhos
Que trocávamos cartas de Amor
Que por engano foi jogado fora
sem ser lido
E nele dizia o quanto eu
te Amava!

Rogersantos/psicopoesias

Retrato Abstrato

Daniely Rodrigues Araujo
Corguinho - MS

Face inexpressiva, olhos fazem chover...
A alma indaga triste, tu partiste por quê?
Quem dera acompanhar-te, contemplar o céu sem fim...
Deixaste um pouco de ti, levaste tudo de mim!

Os versos mudos esperam o doce de sua voz
Foste príncipe guerreiro, foste a vítima e o algoz
Para quem darei a mão e as poesias mais singelas?
A quem contarei estrelas, debruçada na janela?

Ontem chorei de medo, hoje foi de saudade...
Por favor, quero entender, findou-se a felicidade?
A vida está cheia, o coração vazio...
O mundo está triste, o dia está frio!

Permita Deus que eu o veja com as lembranças de outrora.
Amenize a dor que sinto com a espera e a demora!
Deixe-me contemplar seus olhos, ouvir suas preces...
No mundo dos sonhos, minh'alma desce!



RG

Leonardo Queiroz Lyrio

Montes Claros/MG

nem sempre o que digo,
é mesmo o que sinto.

perdido dentro de mim,
eu sou meu próprio labirinto.

se me concreto em abstrato,
me absoluto em relativo.



Ritmo Sincronizado

Ramon Carlos

Florianópolis/SC

Continuo sendo essa equação de solidão
Que soterra paladinos
Em puro ostracismo vulgar
Para além das manias pueris
O preço dos meus dentes está caindo
Correspondências sem meu nome entopem a caixa
Tem Teresa, Rogério, Camilo e Adriano
Com intimidades bancárias
Paulo Roberto assinou TV a cabo
Regina lembrou-se de Alceu
Impossível esquecê-lo
É o imbecil que emprestou-me a chave de fenda
Alceu recebe cartas de Regina e tem uma chave de fenda minúscula
Já daria um ótimo marido de aluguel
Orgulharia o presidente
Não a mãe
Nem minha namorada, Gilmar é seu marido as vezes
Ele sim tem uma bela chave de fenda
Aliás, tem um jogo inteiro delas
A carne e o detergente estão em promoção nos panfletos
Retiro somente um da caixa do correio

Não tem meu nome, mas também não tem nenhum outro
Por Deus, a única coisa realmente útil que tenho na pia do banheiro
É uma loção para hemorroidas, e nem ao menos posso usar
Porque não incharam ainda
Nem caíram pra fora de mim
Penduradas, sabe
Talvez eu devesse doar para o carteiro
Já que nem um cachorro tenho pra ele
O fogo que era azul agora derrete minhas panelas
Insisto em observá-las pingando
Só assim me interesso por química
Parece besteira, mas decorei a tabuada
Quem sabia podia sair da escola antes
Capitais nunca soube
Sempre um dos últimos a sair da aula de geografia
Minha professora de ciências tinha um belo rabo
Como não consigo lembrar seu nome¿
E por que não esqueço o nome da professora do pré¿
Alice, meu primeiro corpo impossível
Bobagem, não era carnal, era amor
Afinal, toda criança de seis anos era capaz de amá-la
Obrigada a amar aqueles cabelos lisos e sua pele lívida
Que sorriso, que voz, que cheiro absurdo
Será que ela me amou tanto como eu a amei¿
Possivelmente, meus seis anos foram meu auge
Tolerância

Tolerar

Ser tolo

Arder em areia fina

Marchar na poeira molhada

Dormir em um copo

Acordar em um corpo

Singelamente possível

estrabismo.net



Rua das Flores

Nelson Rocha Neto

Curitiba/PR

Decidiu seguir pela "XV", mesmo que fosse importunado pelos transeuntes enlouquecidos. Assumiu o risco da travessia. Enfrentou os obstáculos: o desemprego, os vícios e a inclemência do tempo. Perdera tudo o que levava consigo. Caminhava ziguezagueando o falatório. Um esbarro num ombro aqui e ali, flanava em meio à multidão. De uma janelinha, o bafo de pinhão acompanhou-o ao mesmo passo e se desfez num trago. Ralhou balançando a cabeça como resposta. Contemplava as vitrines das lojas enquanto os manequins dançavam, cantavam e debochavam da sua aparência maltrapilha. Subiu em um caixote, num discurso inflamado para os espectadores invisíveis. Foi condecorado um "cavaleiro da Boca Maldita". No entanto, era hora de abarcar um mundo novo longe da família. Sentou-se debaixo de uma marquise. Nada viu, nada ouviu e nada falou.



Sapatos Limpos

"SCHLEIDEN" Nunes Pimenta
Campo Belo/MG

Algo tocou seus pés e foi o bastante para acordá-lo. Olhando para a rua, notou os primeiros carros a cortar os sinais vermelhos da madrugada, castigando o asfalto ainda gelado. Estava acostumado, todos os dias eram assim. No entanto, sempre agradecia por ter onde morar, e por mais um dia, e esses pensamentos ele nunca se esquecia de rezar.
Lavou o rosto e aprumou seu terno bem passado e cuidado, limpo de maneira que em todas as manhãs parecia vestir um novo; os cabelos sempre penteados e cortados, a barba um pouco grande – é verdade -, mas porque gostava e não por desleixo só. Guardou a roupa com a qual dormira e, observando a cidade que aos poucos despertava lá embaixo, seguiu seu caminho para o trabalho. Era uma tarefa difícil, fazia-se necessário que lidasse com muitas pessoas, de lugares diferentes, jeitos e culturas diversas, e a sua argumentação e a sua técnica eram cruciais para a efetivação dos negócios – talvez, não tão cruciais como o sorriso que sempre deixava estampado no rosto ou a simpatia e a educação, mas eram importantes também.
Teve de aprender seu ofício sem que ninguém o ensinasse, e, da primeira vez em que procurou emprego, sofreu uma das mais terríveis humilhações. Mas tudo é aprendizado debaixo desse céu, dizia ele. Àquela altura da sua carreira colhia respeito, por onde caminhava era cumprimentado, nos corredores recebiam-no com um tenro sorriso e os chefes o adoravam. Ouviu tantas vezes a frase que o trabalho dignifica o homem, e acreditava tanto nisso, que imaginou receber o fruto dos seus esforços assim: trabalhando. Uma vez, um dos seus clientes perguntou se apenas o trabalho dignifica o homem, pois, assim, aquele que por ocasião de saúde não pode trabalhar não teria dignidade também! Chegou à conclusão de que haveria outros modos de se alcançar essa tal dignidade, mas o seu caminho seria o trabalho honesto e a dedicação, a responsabilidade e a boa educação.
Aconteceu que, neste fatídico dia, envolto numa de suas conversas filosóficas com algum cliente, perdeu por um momento o sorriso que portava noite e dia – noite não, pois era hora de descansar -, e eis que quando tal sujeito pisou em seu campo de labuta, nosso trabalhador

logo notou como os sapatos daquele homem estavam sujos. Os sapatos podem demonstrar a personalidade de uma pessoa, ou, na pior das hipóteses, o quão alguém é organizado, higiênico e vaidoso. Aqueles sapatos, em especial, estavam maltratados por demais. Logo desvencilhou seu olhar dos seus pés e cumprimentou-o educadamente, fitando-o nos olhos e convidando-o a se sentar.

- Muito bom dia, meu senhor!

- Pois este será mesmo um grande dia!

Respondeu quase irônico, se é que irônico não foi, pairando à implicância, e, sem que precisasse perguntar-se mais nada, o homem dos sapatos sujos dispôs-se a contar breve e euforicamente os últimos dias que vivenciou. Contou que trabalhava apenas algumas horas por dia, mal-assinando alguns papéis mal-lidos e mal-escritos em muitas das vezes, despachando ordens, sentado em sua cadeira importada e mergulhado no conforto dum aparelho que condicionava o ar – de modo que enquanto cá fora ventava, dentro de sua saleta se acalorava e vice-versa - e, sem que precisasse perguntar, de novo, o homem que trabalhava pouco exclamou contente que conseguira seu posto após a indicação de um parente influente.

- Ora, que felizardo és!

Pasmou-se diante de seu cliente, pasmado. Mas, eis que quando começou a contar sobre todas as suas regalias e todo o conforto da sua casa, sem que fizesse o mínimo esforço, foi informado que o serviço terminara. Retirando algumas notas do bolso, pagou-lhe com sobras às quais chamou de esmolas – e com os sapatos agora limpos e brilhantes seguiu seu rumo afora, desligou o alarme do carro e queimou seus pneus no asfalto já aquecido do trânsito intenso.

Enquanto seu mais novo cliente partia, sentindo-se estranho guardou as notas recebidas no bolso. Pegou sua caixa de engraxate, aprumou os cabelos no vidro duma vitrine qualquer e seguiu a passos lentos de volta também para a sua casa. Os corredores pelos quais caminhava e todos o cumprimentavam eram as ruas, e a sua empresa não possuía sede determinada – podia ser aqui, acolá, quando e onde o chamasse, pois seu serviço era bem feito. Dia e tarde, às vezes à noite, andava pelos cantos e becos limpando os sapatos de alguém – mas os seus estavam sempre limpos...

E andou e pensou e trabalhou tanto àquele dia, que quando deu por si já escurecia. Retornou ao seu lar, trocou de roupa e guardou seu terno engomado, lavou o rosto e pensativo foi dormir. Mas, do outro lado da

rua, olhando pela transparência dos vitrais de um restaurante caríssimo, dois homens conversavam sobre o mesmo assunto que eu converso agora convosco. Um deles contando ao outro sobre a história daquele trabalhador, descansando a cabeça na sua caixa de engraxar, ali no canto duma calçada qualquer e a olhar o teto do seu lar a brilhar. Ao final do conto, diante de seu prato que nem em uma garfada se arranhara, a tristeza daquele ouvinte perguntou, baixinho, para a vida, sobre o mérito dos que vivem. Mais que isso, indagou-a sobre o mérito de quem trabalha e, além, clamou à Justiça. Ao passo que se a Justiça tivesse boca, exclamaria:

- Há alguma coisa de errado aqui.

O teto do seu lar era no céu ao reluzir de qualquer estrela, o seu despertador alguém que o chutava pela manhã, a sua educação estampada não em títulos e sim no se abrir verdadeiro de alguns sorrisos, o seu travesseiro um pedaço de madeira - mas os sapatos estavam sempre limpos.



Sentidos

Brunno Vianna de Andrade

Rio de Janeiro/RJ

Sentir
Areia que carrega o mar
Ouvir
Aranha que tece o luar
Teias e ideias
Emaranhadas no firmamento
Mergulhar
Nas ondas do rádio
Nas curvas do vento
Que rompe a esquina
E respira a folha que cai
Ver
Além do possível
Versos que volitam
No paladar de si mesmo
Em busca do sonho
Escrito no papel de outrora
Em busca da luz
Que brota da aurora
E aflora os sentimentos

https://www.facebook.com/poesiadebrunnovianna



Soneto da Confirmação

Wesley Ribeiro Dias
Sobral/CE

Penso na mão de Deus poderosa
E é a tua que por ora seguro
E portando-a ainda escrituro
Este soneto em forma de glosa.

Penso na história de Deus vitoriosa
E vejo o teu presente estender-se ao futuro,
Os teus dias têm o fulgor que procuro
E tonalizam tua vida gloriosa.

Penso na criatividade Dele com a natureza
E defronte tenho tua beleza
Arrancando-me elogios dos sábios.

Penso que o universo com Sua boca se fez
E aí, vens tu, meu bem, por tua vez
Tocar-me com o beijo dos teus lábios.

Tanto Faz

Edison Gil
Sorocaba/SP

Tanto faz se nasce reto
ou se aflora pelo torto,
se opta em ser sequoia
ou se contenta em ser um broto.

Há flores pelo mar,
e lírios no esgoto!

Julgar é manter preso,
aquilo que está solto,
é ancorar pra não voar,
naufragar no cais do horto.

É deixar de cultivar
pra desabitar o próprio porto!

http://fb.com/siredisongil



Tarja Preta

Icarus

Camaçari/BA

https://www.facebook.com/icarusporao/

Por horas já procuro
Já sei que não estou mais seguro
Felizmente tenho meu sangue puro
Quero comer caviar e cheirar perfume francês
Beijar a chinesa e ter um filho japonês
Quero aprender o português
Falar fluente com suavidez
Me juntar na sala dos reis
Beber o vinho do cortez
E achar o meu tarja preta
Esqueci na minha jaqueta.

icarus-

Um sonho pra viver!

Carlos Costa Texeira

Leme/SP

É preciso coragem, pra viver um sonho de verdade

Verdade essa que da margem, da centro, da eixo ao sentimento

Que estando alinhada com seus propósitos torna-se sua aliada seu fermento

Fazer parceria com seu coração e dar ouvidos ao mesmo é a chave

Pois quem vive apenas de razão não vai abrir as portas da felicidade

Desejo a você toda força e coragem pra conquistar tudo o que almeja

Que tenha fé na vida e foco em sua missão

Que plante humildade e colha gratidão

Acredite em você, vá até o fim, persista

Para que nesse oceano de sonhos você possa gritar "terra a vista"

E ao se perder tenha paciência,

Não procure se encontrar

Encontre sua essência

Procure sair da bolha e olhar fora da caixinha

Procure seguir a risca e não perder a linha

Seja a metamorfose Ambulante que Raulzito falou

Permita-se recriar, mudar, encontrar seu flow

Pois quem busca com o coração e a credita de verdade

Não arrega pra preguiça e pra auto sabotagem

E em meio ao caos da contemporaneidade

Consegue parar para apreciar a paisagem

E ao apreciar se lembra de agradecer

Pela dádiva de ter um sonho pra viver

www.poeticamente.com.br



Um Vigia Assustado

Mônica da Silva Costa

Jacarezinho/PR

Osvaldo trabalhava como guarda-noturno numa rua do centro da cidade. Zelava pela segurança de alguns dos estabelecimentos comerciais. A maior parte do tempo ele passava ao lado de um sobrado em cujo térreo achava-se instalada uma farmácia. No andar superior, funcionava uma clínica odontológica.

Certa noite, por volta das quatro horas da madrugada, Osvaldo dirigiu-se ao banheiro de uma loja do outro lado da rua, o qual utilizava com frequência. Quando voltou, notou que algo inesperado acontecera na sua ausência. A luz da clínica brilhava lá em cima e ouviam-se graves ruídos vindos de dentro do prédio. Imediatamente lhe ocorreu a lembrança daquele terrível assalto que o consultório sofrera no ano anterior. Osvaldo havia sido surpreendido e amordaçado por dois sujeitos encapuzados que, além de o amarrarem para espancamento, deixaram-no jogado no quintal de uma residência vizinha. Eles tinham levado vários aparelhos odontológicos caríssimos e dois computadores da clínica. Osvaldo nunca se esquecera desse episódio, pois, além de ter sido agredido pelos assaltantes, fora culpado pelo prejuízo, e os dentistas descontaram o valor de seu minguado salário...

Pela intensidade do barulho que se ouvia, imaginou que não era dos menores o grupo de assaltantes que estavam no consultório. No mínimo, haveria uns oito deles para garantir a eficiência e a rapidez no saque.

Quase em pânico e sem querer perder tempo, discou 190 e, poucos minutos depois, três viaturas da polícia estacionavam em frente ao sobrado. Havia cerca de quinze soldados, todos munidos de armas de fogo e cassetetes, que entraram apressados pelo corredor, satisfeitos com o iminente flagrante. Quando chegaram à sala principal, o vigia olhou para cima e, ainda dominado pelo medo, gritou:

- Entreguem-se! A polícia já está aqui!

De repente, no alto da escada apareceu um rosto familiar que disse, com a voz surpresa:

- De quem está falando? Aqui só estou eu fazendo a limpeza do consultório! Aconteceu alguma coisa?!

Era Mariana, a faxineira. Ela estivera com insônia à noite e tinha vindo trabalhar mais cedo que de costume…



Uma Folga

Lenilson de Pontes Silva

Pedras de Fogo/PB

Dei férias para a poesia
Semente que não para de crescer
Estou de frente à maresia,
Mas ela ousa em reflorescer...
Enquanto a onda vem e vai deixa no ar uma calmaria
E nessa calmaria vão se formando no peito uma linda
Prosa e poesia.



Uma Quase Balzaquiana

Simone Lacerda

Cachoeiro de Itapemirim/ES

Ele adorava suas pernas. Quando se levantava, revelava o tecido epitelial com comedidos músculos, mas sedoso e sedutor, diria. Suas pernas se entrelaçavam, poeticamente, não negando o olhar. E nessas idas e vindas, ele fez apostas, compôs versos e até ensaiou um diálogo.

Mas, não seria tanto. Seus passos traziam um empoderamento, uma inconstância que atraía os mais e menos audaciosos. Sua vestimenta cobria o joelho e isso convertia mais seus olhos, embasbacados diante do cenário não visto.

De um lado para o outro, de desencontros, lá estava a moça que lhe arrancou os olhos e, acredito, o coração do solitário homem. Deveria ter uns cinquenta anos. Era o que mostrava as linhas expressas em seu rosto, a cor dos cabelos, o jeito de abotoar a camisa e olhar os transeuntes. Não mais que cinquenta, talvez um pouco menos. E a moça, pelas passadas e pelas curvas adquiridas, não menos que vinte e oito. Isso. Uma quase balzaquiana atravessando o cenário.

Ele a visitava todos os dias, mesmo sem uma palavra. Um bom dia que seja para disfarçar. Ou quem sabe, " o dia anda rápido", " está tão quente aqui." Nada. Era fervilhante olhar aqueles contornos cantados nos passos. Achava bonito de vê, dava para perceber o olhar colado no andar.

Tenho a impressão que não se passava um dia que ele não estivesse lá. Mesmo que rápido, já que o dia nos consome em tantas questões. Ele se fazia presente, como parte do cenário, para contemplar o que sabia ser a sua musa, não pensada pelos deuses.

Com o tempo, ela passou o olhar, como se os seus olhos

escapassem propositalmente. Desejava que não se habituasse ao espaço, cheio de perguntas burocráticas e obviedades sacralizadas.

Ah, percebia-se que ela era devota de literatura fina, sabe. Em sua mesa, costumava ter livro com página marcada, seja com papel amassado ou uma caneta. E, hora ou outra, dava de ler alguma coisa.

Não foi à toa que lhe perguntei o gosto por Machado e Proust. E ela sorriu, acenando, com presteza, afirmativamente. Aliás, poucas vezes ouvi sua voz que se assemelhava veludo. “Dizia”, realmente, quando suas pernas se levantavam a fim de recolher as cópias saídas de uma antiga impressora lá no canto.

Lá, pelas quatro da tarde, de um dia que não me recordo, apareceu o homem com seus quase cinquenta anos. Sentou na cadeira, à esquerda, no fundo, e decidiu permanecer por ali até que o local se fechasse e, enfim, assumido de coragem e amor, se dirigisse a moça quase balzaquiana.

Ela o olhou escondida e incomodada. Sabia de sua devoção. Já havia sondado os olhares lançados quando dava de levantar. Andou descompensada, reticente, diminuída. A contemplação daquele homem a tirava da linha reta, a fazia intolerante a si mesma, ao corpo que aproximava tantos olhos.

O homem manteve-se, à espera de uma lacuna para que, finalmente, revelasse sua pretensão tão nunca e constantemente declarada. Fim do expediente. Guarda de documentos e pertences largados em volta da mesa. Silêncio pertencendo ao espaço.

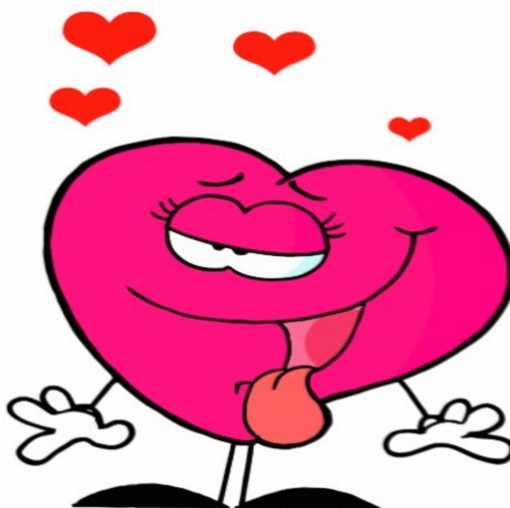
Ele decidiu se achegar, refutar formas de desesperança e descrédito que a moça poderia trazer. Pulou algumas cadeiras e solicitou informação ao homem do lado com a intenção de amenizar os ares de desassossego. Ela, neste exato momento, não se encontrava.

Mas, pressentia sua chegada. Mãos, trêmulas, revelavam o quão importante se convertia a moça para a sua vida esquecida. Ao adentrar

o local, a olhou e viu sua alma escapar com o coração. Ele a viu tão profundamente que o tempo tocou o espaço. Sorrateiramente, ela sorriu e o perguntou: “deseja algo, senhor?”

Extasiado, ele de leve sorriso, ensaiou duas palavras e acenou com a cabeça não haver interesse em nada. Ela, agradecida, despediu-se dos colegas e caminhou até a porta. Neste momento, sua felicidade não desejava mais nada.

http://cheirosensaiosepoesia.blogspot.com.br/



Uma Questão de Tempo

Lis Dianna
Cabo Frio/RJ

Como sempre fazia todas as tardes, Júlia sairá de casa para ir buscar suas filhas na escola, eram duas meninas gêmeas lindas de oito anos, e era a única esperança de dias melhores pra Júlia, mas no caminho pra escola a moça ia pensando em como seria a partir daquele dia_ Vamos tomar sorvete meninas, vamos dar uma volta antes de ir pra casa. As meninas estranham, pois dia de sorvete, naqueles dias difíceis somente em dias de domingo, porém ela não queria demonstrar as meninas o seu sofrimento aparente. Tomaram o sorvete e ambas foram para o quarto alugado em um sobradinho antigo pequeno e mal cuidado que abrigava apenas Júlia, um senhor aposentado alcoólatra, um jovem rapaz que vendedor de cintos e bonés na estação de trem e a senhoria, Dona Laura uma velha solitária de temperamento difícil, essa mesma que Júlia haveria de logo conversar. Pôs as meninas no banho e foi ao quarto da senhora Laura que já à sua espera havia deixado a porta então aberta. _ Oi Dona Laura vim conversar sobre a minha situação. Júlia entra e como de costume encontra a velha sentada no sofá comendo seus deliciosos quindins, era uma formiga e apesar do diabetes, não seguia a dieta a risca. _Então espero que tenha arranjado o dinheiro, porque acredito que dei tempo suficiente. A velha como sempre ríspida e seca._ Bem dona Laura... Eu consegui vender alguns tapetes que fiz a semana passada, mas não foi muita coisa. Eu precisei

comprar unas coisas para as meninas, a senhora sabe. _Sei disso, sei disso, mas está querendo dizer que não conseguiu o dinheiro que me deve?_ Ainda falta vender alguns, procuro emprego toda semana, estou certa de que na próxima semana devo estar trabalhando, se a senhora esperar será só mais essa semana tenho certeza dona Laura.

A moça dizia isso pra convencer a si mesma, porém estava certa de que não teria mais chances._ Sinto muito Júlia, mas já lhe dei todo o tempo, são três meses de aluguel atrasado, já esperei o máximo que pude, mas olha tenho que pagar as contas daqui, logo vão cortar a luz, e meus remédios? Cada dia mais caros, eu vejo o problema dos outros e quem verá o meu? É o que eu sempre digo. Enfurecida a velha vai praguejando murmurando pela sala_ Dona Laura eu sei, sei que dei certeza, mas eu estou tentando, estou fazendo de tudo, só mais alguns dias, será a última vez, por favor._ Você não terá o dinheiro, e eu já esperei demais, e vou precisar alugar o seu quarto, tem uma moça solteira que está precisando urgentemente de um lugar pra ficar e eu não posso deixar passar, onde irei conseguir alguém pra morar aqui? Sinto muito, mas terá que sair. A velha está irredutível, e Júlia percebe que é em vão insistir. Apesar de tudo a velha estava certa, mas Júlia se perguntava se ela não sentiria remorso de mandar pra rua uma mulher com duas crianças, ela não queria acreditar no que estava acontecendo.

_ Não tenho onde ficar preciso então ver um lugar...

_ Bom quanto a isso nada tenho a ver, porque não já procurou se não conseguiu o dinheiro?

_ Não possuo ninguém aqui a senhora sabe.

_Preciso que saia amanhã de manhã. Alugarei assim que sair.

Ao terminar de dizer essas palavras à velha tomba e cai no sofá, parecendo desmaiar.

_O que houve? O que a senhora tem?

Júlia assustada prontamente se encaminha e a coloca no sofá, a velha com dificuldades tenta falar, respira com muita dificuldade. _Depressa, meu remédio, meu remédio, pegue na caixa, na caixa..._Qual a caixa dona Laura, fique calma. Júlia nervosa vai até a estante a qual possui várias caixas de várias cores e tamanhos, pelo visto não eram só os doces o único vício da velha, ela colecionava caixas e como saber qual delas era dos remédios? A velha esquecera-se de tomar o seu remédio de pressão havia dias, agora estava tendo um enfarto e caberia à moça encontrar o bendito remédio. Enquanto vai abrindo as inúmeras caixas por certo momento vem à mente de Júlia um pensamento. E no momento que vai ligar pra ambulância ela para. Seria omissão se ela não a ajudasse, mas não seria esse o único jeito de Júlia permanecer morando ali com suas filhas ou no dia seguinte ambas estaria na rua?

Os pensamentos tumultuam a mente da moça, tudo acontecendo em questão de segundos, ela repudia esse pensamento de imediato, só pode estar louca por pensar assim, mas logo esse pensamento toma conta de si. No sofá a velha com as mãos no coração parece implorar por ajuda, apontando pra estante, e com muita dificuldade tenta falar._ Na caixa verde... O remédio.

A moça então pega a caixa, uma caixa enorme cheia de remédios, jogando tudo no chão ela vê o remédio com grandes letras escrito "pressão", com tantos remédios que tomara a velha tinha o hábito de escrever nas caixas para não se confundir. Não sabendo de certo o que fazer, Júlia se lembra das reclamações da indiferença com os inquilinos, as únicas pessoas que a velha tinha por perto e as quais ela era incapaz de um gesto de gentileza. Decidira então que iria demorar bastante

tempo na falsa procura do remédio e não chamaria a ambulância, daria tempo ao tempo até a velha morrer então fecharia a porta e iria pro seu quarto, ninguém a tinha visto entrar, os outros só chegariam à noite quando nada mais poderia ser feito, ela então não precisaria ir embora do sobrado e a vida seguiria normal na medida do possível. Já se levantando pra ir embora Júlia recua, agora se lembrando das poucas vezes que viu a velha sorrir, quando recebia o aluguel ou quando devorava seus quindins, a moça que nunca desejara a morte de ninguém agora não mais se reconhecia, deixara o desespero dominar seus instintos. Ela rapidamente pega o telefone e chama a ambulância torcendo pra que essa não demore chegar. Temendo já ser tarde.

_ Toma seu remédio, se acalme, a ambulância já vem, vai ficar tudo bem.

Vai dizendo enquanto massageia as frias mãos da senhoria que parece agora recobrar os sentidos, de certo não morreria, aqueles minutos que se passaram ali pra Júlia pareciam ter sido anos e enquanto abraçava a pobre senhora uma estranha paz reinava naquele quarto se fazendo ouvir apenas o som de sirene ao longe.

Dayselove18@yahoo.com.br



Vago

Bruno Ribeiro Marques
Divinópolis/MG

num minuto
v a g o
preenchido por frações de tempo
onde nada cabe
só um tudo
absorvo - surdo -
um som de absurdo
transmuto-me em ausência
intocado pela luz
pela sombra
movido a nada
e transparência

O relógio se põe às turras com o caos
que me aguarda
- cão de guarda -
a existir por este breve eterno
que em mim
se fez suspenso:

penso.

https://www.facebook.com/brunorybeiromarques/



Ventos Uivantes

Luiz Roberto da Costa Júnior

Campinas-SP

para Emily Brontë

O silêncio do coração
repousa sobre a mão.

A brisa da colina
é muito cristalina.

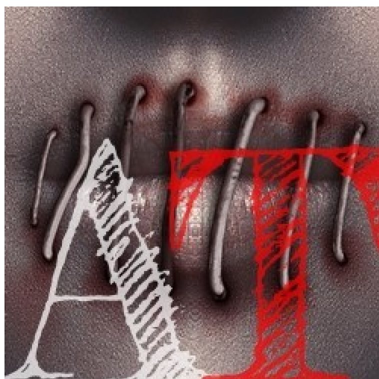
Os suspiros da noite
são beijos e convite.

Embora perceba eco baixinho,
o sonho escorre pelo caminho.

A melodia da voz atinge o espírito,
que não pode viver muito restrito.

Semblantes triunfantes dos infantes
esperam escutar os ventos uivantes.

http://www.recantodasletras.com.br/autores/lrcostajr



Conheçam e participem do Projeto “A Arte do Terror”

O projeto “A arte do Terror” foi criado em meados de julho de 2015 pelos autores participantes: Donnefar Skedar e Faby Crystall. Trata de uma coletânea de contos de horror escritos por autores independentes. O projeto possui hoje o total de 4 volumes publicados no formato digital pelo selo independente “Elemental Editoração” e o 5 está prestes a ser lançado sob o título “A arte do Terror 4 – Cartas”, entre as publicações do projeto uma delas foi traduzida para o espanhol “Arte do Terror – Memento Mori” alcançou um público maior ao ser traduzido para outro idioma. Todo processo de publicação é gratuito tanto para os autores participantes quanto para os leitores. Hoje, o projeto conta uma equipe composta por Donnefar Skedar, Carlos Henrique Fernandes, Lucas Souza, Luiz Henrique Cardoso, Larissa Prado. Vale ressaltar que os editais para participar das coletâneas não visam selecionar os melhores, mas sim, dar oportunidade aos escritores independentes compartilhar seus trabalhos com o maior número possível de apreciadores do gênero. Para colaboração com o projeto ou ajudar com algo fora da publicação de conto, basta entrar em contato enviando e-mail para:

aartedoterror@gmail.com

Site do Projeto:
http://aartedoterror.wixsite.com/home

Outras mídias:
https://pt-br.facebook.com/aartedoterror/
https://www.instagram.com/aartedoterror/



Poeta Marina Mara lança aplicativo com o Mapa da Poesia Brasil

O PoemApp foi lançado com mais de 10 mil pontos cadastrados como bibliotecas públicas, poetas, escritores, editoras e saraus de todo o país

Poeta Marina Mara lança aplicativo com o Mapa da Poesia Brasil O PoemApp foi lançado com mais de 10 mil pontos cadastrados como bibliotecas públicas, poetas, escritores, editoras e saraus de todo o país Após mais de uma década circulando o Brasil com projetos de ativismo poético com foco na popularização da poesia, Marina Mara realizará um sonho, conectar a cena literária nacional por meio de um aplicativo gratuito, o *PoemApp - o Mapa da Poesia do Brasil*. A partir do aplicativo será possível cadastrar os poetas, bibliotecas, eventos e pontos de poesia, conectando-os entre si e com o mundo. "Ao idealizar o PoemApp pensei no quanto seria útil reunirmos a cena literária do Brasil em um só lugar, de forma democrática e sustentável. Imagina chegar em uma cidade e num clique descobrir tudo o que está rolando na cena poética local, a biblioteca ou editora mais próxima, o sarau, o lançamento de livro, o poeta da cidade... é uma 'mão no verso' para formação de público, brinca Marina".

O aplicativo para smartphone Android foi desenvolvido junto à equipe MediaLab, da Universidade de Brasília, coordenada pela Prof. Dra. Suzete Venturelli em parceria com Marina Mara e está disponível gratuitamente no *Google Play*. Todo o conteúdo do aplicativo também está no site www.poemapp.com.br, que apresenta o mapa da poesia do Brasil com mais de 10 mil pontos já cadastrados, um blog com dicas literárias e espaço para trocas de ideias poéticas chamado "E agora, Cora?".

Na ocasião do Dia do Trabalhador, Marina lançou junto ao PoemApp o e-book Profissão Poeta – um guia prático e amoroso sobre viver de poesia, a versão digital é gratuita para quem baixar o aplicativo. O guia é uma compilação das palestras, cursos e workshops que a poeta ativista, publicitária e gestora cultural Marina Mara vem ministrando e participando pelo Brasil. Os temas abordados no livro são publicação de livros, autogestão da carreira artística, ativismo literário, captação de recursos, leis de incentivo à literatura, cultura digital, produção de saraus, poesia falada, financiamento coletivo de projetos, marketing, entre outros. "O intuito do guia Profissão Poeta é oferecer aos poetas, escritores e produtores literários um caminho para formação de público leitor e para viver de sua própria arte de forma poética e sustentável, afirma a autora." O PoemApp, que estará em constante construção pelos usuários, é financiado pelo Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal.
Baixe o aplicativo e faça parte do *PoemApp, o Mapa da Poesia do Brasil*!

Link do Aplicativo:
https://play.google.com/store/apps/details?id=br.com.poem_app

Informações:
www.poemapp.com.br
marinamara@gmail.com
(61) 9550-2192

LiteraAmigos

Espaço dedicado a todas as entidades e projetos amigos que de alguma forma nos ajudam ou possuem proposta de trabalho semelhante a nossa:



"Revista Varal do Brasil" - uma revista criada na Suíça pela escritora brasileira Jacqueline Aisenman, que por sete anos uniu escritores num varal cultural que se estendeu por todo o mundo. Esta revista é a "Mãe" da LiteraLivre.

Leiam as edições:

http://varaldobrasil.ch/leia-as-revistas/



"Casa Brasil Liechtenstein" - uma organização cultural criada para promover eventos e cursos para brasileiros na Europa.

https://www.facebook.com/casabrasil.li/



"Mulheres Audiovisual" - uma plataforma criada para unir as mulheres e a arte em geral, cadatre seu portifólio e participe:

http://mulheresaudiovisual.com.br/

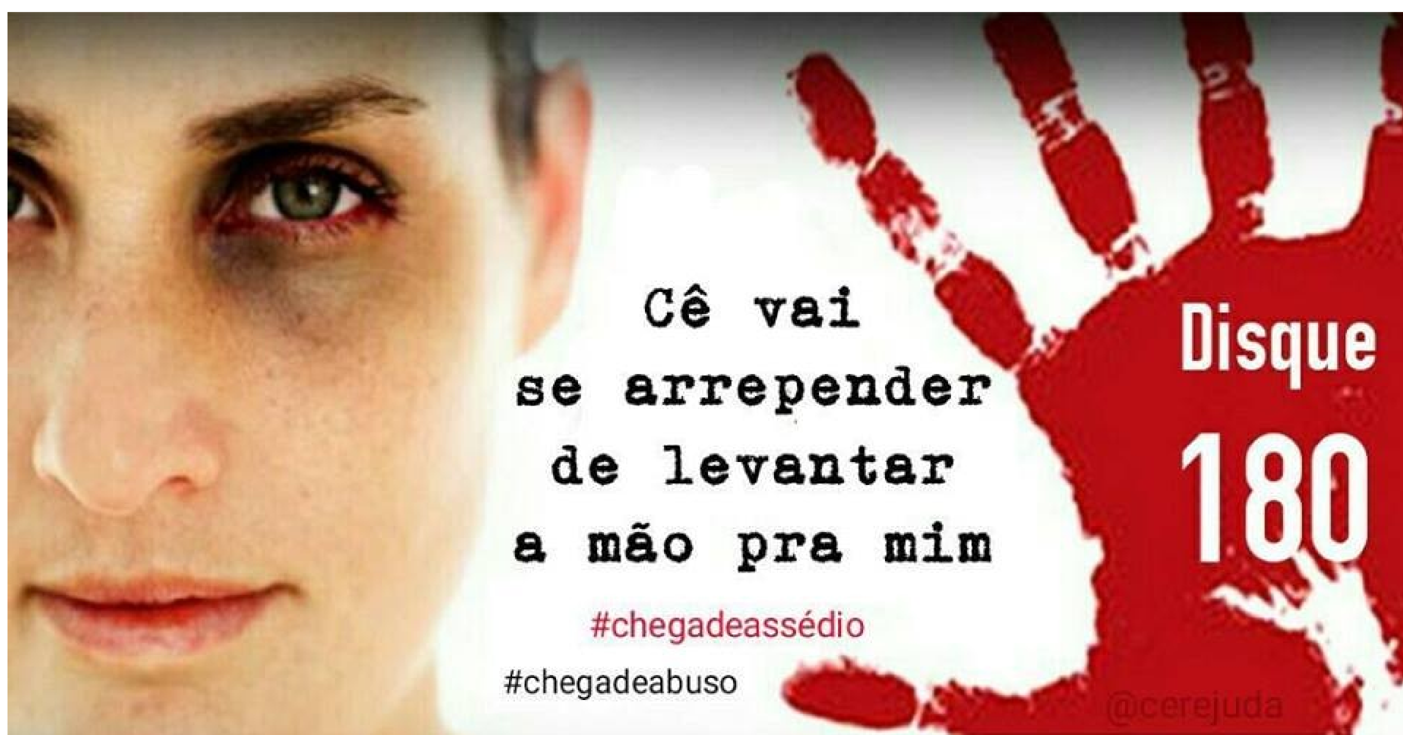


Leia e baixe gratuitamente e-books com coletâneas de vários autores.

http://www.rosimeiremotta.com.br/e-books-gratuitos.htm

Não Se Cale!!

Foto-Montagem: Raquel Nobre (Cerejuda)





Participe da próxima edição!!

O prazo para envio é até 20/06

Envie seu(s) texto(s) o quanto antes.

Também aceitamos, fotos, desenhos, tirinhas, etc..

Confira no site.

Os textos enviados fora do prazo serão reservados

para seleções posteriores.



http://cultissimo.wixsite.com/revistaliteralivre

https://www.facebook.com/RevistaLiteraLivre